



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**



**MULHER DO LAR, MULHER DA RUA: TENSÕES E CONFLITOS NAS
REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NOS FOLHETOS DE CORDEL DE LEANDRO
GOMES DE BARROS NOS SÉCULOS XIX E XX**

FERNANDA RAQUEL FRANÇA HERCULANO

CAJAZEIRAS – PB

2019

FERNANDA RAQUEL FRANÇA HERCULANO

MULHER DO LAR, MULHER DA RUA: TENSÕES E CONFLITOS NAS
REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NOS FOLHETOS DE CORDEL DE LEANDRO
GOMES DE BARROS NOS SÉCULOS XIX E XX

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.

CAJAZEIRAS – PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

H539m Herculano, Fernanda Raquel França.
“Mulher do lar, mulheres da rua”: tensões e conflitos nas
representações do feminino nos folhetos de cordel de Leandro Gomes de
Barros dos séculos XIX e XX / Fernanda Raquel França Herculano. -
Cajazeiras, 2019.
70f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2019.

1. Cordel. 2. Mulher. 3. Representação. 4. Gênero. 5. Literatura de
cordel. 6. Barros, Leandro Gomes de. I. Sousa, Silvana Vieira de. II.
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de
Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 398.51-055.2

FERNANDA RAQUEL FRANÇA HERCULANO

MULHER DO LAR, MULHER DA RUA: TENSÕES E CONFLITOS NAS
REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NOS FOLHETOS DE CORDEL DE
LEANDRO GOMES DE BARROS NOS SÉCULOS XIX E XX

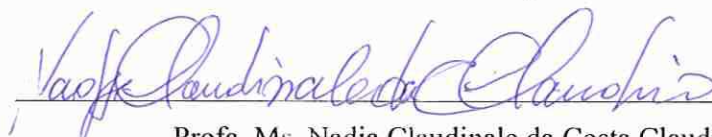
APROVADO EM: 27 / 11 / 2019

COMISSÃO EXAMINADORA:



Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa (Orientadora)

Universidade Federal de Campina Grande – CFP



Profa. Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino

Universidade Federal de Campina Grande – CFP



Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

Universidade Federal de Campina Grande - CFP

Prof. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira (Suplente)

Universidade Federal de Campina Grande - CFP

CAJAZEIRAS – PB

2019

*À Fabiana França,
Eloísa Cândido e
Maria Eduarda.*

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento, e aqui gostaria de mencionar todos que contribuíram, direto ou indiretamente para a construção e realização deste trabalho.

Primeiramente, gostaria de registrar os meus sinceros agradecimentos aos meus pais, Fabiana França e Raulino Herculano por acreditarem em mim, e nunca medirem esforços para que eu alcançasse tudo que sonhei e ainda sonho. Agradeço-os, especialmente, por todos os ensinamentos, exemplo de humildade, luta, força, persistência e por não permitir, em hipótese alguma, a desistir dos meus objetivos, saibam que eu vos amo muito, e o meu maior desejo é poder retribuir o tanto que já fizeram e fazem por mim. E que um dia o mundo possa sentir e saber do amor que sinto quando me refiro a vocês.

Agradeço, da maneira mais especial possível, aos meus irmãos João Victor e Maria Eduarda, que mesmo sendo mais novos, em alguns momentos fizeram papel de mais velhos e sempre cuidaram de mim e estiveram do meu lado colaborando no que fosse possível. Eu vos amo imensamente, e firmo que estarei em qualquer momento sempre disponível para o que precisarem.

Minha imensa gratidão as minhas tias, Eloísa Cândido, Maria de Fátima, Ridalva Herculano e Faberlândia Lima, que estão ao meu lado desde a infância, e que contribuíram e me acompanharam nessa jornada acadêmica sem medir esforços. Agradeço-as imensamente e eternamente por tudo.

Minha gratidão aos amigos que o curso de História me apresentou e apresentou, obrigada pela amizade, carinho, e por compartilharem comigo todos e quaisquer momentos, fossem eles bons ou ruins que a vida e nossa jornada acadêmica nos impôs. Nesses cinco anos de curso a amizade de vocês foi a melhor coisa e o bem mais valioso que levarei para o resto de minha vida: Lucas, Sabrina, Ana Vitória, Raquel, Kalyanne, Bruna e Valdetário. Espero que, independente da distância que nos separam, estejamos sempre juntos de coração. Torço e desejo que os sonhos de vocês sejam sempre realizados. E, eu estarei sempre aqui para aplaudi-los. Contem comigo, amo muito vocês, meu grupo.

À Jucicleide, gostaria também de externar a minha gratidão, ela que sempre me acolheu tão bem em seu quarto da residência universitária, sempre que precisei. Assim como agradeço a Higor, amizade que foi construída durante uma Semana Nacional de História e que permanece até hoje, a quem eu tenho um carinho enorme.

Agradeço ao Rotaract Centenário e a todos os meus companheiros, em especial a minha amiga e irmã de alma e coração: Érika Rayanne, que sempre me aconselhou, me deu

forças e torce por mim. A você minha eterna gratidão. Desejo que todos os seus sonhos sejam alcançados e realizados. Eu estarei sempre aqui por você, te amo.

Ao meu amigo, Emanuel Jhonathan, que mesmo estando distante fisicamente, se faz presente na minha vida. A ele eu recorri quando estive em alguns momentos de angústia, e assim com sua amizade, carinho e proteção sabia usar as palavras certas, nos momentos certos. A você minha gratidão por tanto, espero que um dia possa te retribuir. Amo você.

À Victor Manoel, que mesmo tendo chegado tão recente na minha vida tem sido essencial nos finalmentes com relação a este trabalho. Ele que torce por mim, e tem sido um porto seguro em tudo. Quero que saiba que o sentimento é recíproco, e que eu torço por você tanto quanto você torce por mim. Obrigada por ser tanto.

Aos meus familiares, que tiveram e ainda tem grande parcela na minha vida, em relação ao meu crescimento e desenvolvimento como pessoa. Muito obrigada.

Registro aqui meu agradecimento a professora Rosilene Alves de Melo, que contribuiu na realização deste trabalho com os materiais, dicas e pelo livro que me apresentou para me ajudar a desenvolver minhas concepções nesse estudo. Não menos importante, também agradeço a minha orientadora e professora Silvana Vieira de Sousa pelas conversas e orientações que foram cruciais durante a produção e desempenho deste trabalho.

Por fim, e não menos importante, aliás, mais importante que tudo, gostaria de externar a minha imensa gratidão a Deus. Por sempre mostrar-se presente em todos os momentos de minha vida, por manter a minha fé inabalável e me permitido a conclusão desse trabalho e do curso. Ele vive!

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre as mulheres e suas representações através dos folhetos de cordel do poeta Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Busca-se com base no diálogo com os cordéis, como fonte principal, decifrar as representações ali presentes das mulheres na sociedade daquela época, ou seja, entre os séculos XIX e XX. Ainda recorreremos a busca de literatura específica sobre mulher, questões de gênero, memória, história cultural, cultura popular e representações consultando livros, teses, dissertações, entre outros materiais que possam nos dar suporte para entender os tipos femininos que circulavam na literatura do poeta e suas ligações com o mundo e sociedade da época.

Palavras-Chave: História, mulher, gênero, cultural, cordel, sociedade, literatura de cordel, Pombal – PB.

ABSTRACT

This assignment is a study about women and their representations through the cordel literature from Leandro Gomes de Barros (1865 - 1918). Based on the dialogue with the cordel literature, the main source, we can decipher the woman's representations in the society from that time, XIX and XX Centuries. We still searched specific literature about woman, gender discussions, memory, cultural and popular history and representations, using books, dissertations among other sources which can give support to understand all feminine kinds that had circulated on the poet's literature and their connections with the society of the time.

Keywords: History, Woman, Gender, Culture, Cordel literature, Society, Pombal-PB.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – LITERATURA DE CORDEL E AS TRAJETÓRIAS DAS MEMÓRIAS CULTURAL E SOCIAL	13
1.1 Apresentando o foco: O Feminino	23
CAPÍTULO II – O UNIVERSO FEMININO E O MEIO SOCIAL EM QUE VIVIAM NOS SÉCULOS XIX E XX	26
2.1 Uma apresentação de tempo de cultura oral na cidade de Pombal - PB	26
2.2 O lugar: Pombal dos idos do século XIX: novos hábitos sociais de uma urbe em ascensão	29
2.2.1 Pombal no início do século XX: as muitas possibilidades da modernidade na cidade .	33
2.3 Lugares e imagens da mulher: um olhar local sempre em diálogo com a história geral das mulheres no Brasil	35
2.3.1 A chegada do século XX e a mudança do comportamento feminino no âmbito social e privado	38
CAPÍTULO III – IMPÉRIO FEMININO: A MULHER COMO PERSONAGEM NA POESIA DE LEANDRO GOMES DE BARROS	45
3.1 Luta por direitos iguais e ascensão do movimento popular feminista	46
3.3.1 O poeta Leandro Gomes de Barros e suas representações do feminino: novos olhares sob a mulher?!	48
3.3.2 Abrindo o folheto: os cordéis como documento de escolha	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
FONTES SECUNDÁRIAS (FOLHETOS)	69

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho que de maneira geral insere-se no campo da história social e mais especificamente, a partir do que compreendemos de acordo com as novas abordagens da historiografia da história cultural trazendo à tona, também, a história das mulheres, campo de estudo que só teve seu crescimento e visibilidade a partir da Nova História Cultural, que nos permite o entendimento e fabricação de papel e figura da mulher. Mas, nosso lugar central de diálogo dessa questão são os folhetos de cordel do poeta Leandro Gomes de Barros, e nestes as representações das mulheres. Partimos da ideia de mostrarmos como se constroem as memórias sociais, entendendo-as como a construção dessa representatividade e das múltiplas imagens anunciadas às mulheres pelos versos do autor em um determinado tempo e espaço, estudando as relações de gênero a partir dessas fontes.

É perceptível que as representações em torno da mulher na literatura, de um modo geral e em particular, na literatura de cordel produzida no Brasil ao longo do final do século XIX e início do século XX, são determinadas por ambiguidades, pois, as palavras utilizadas nos versos dos poemas descrevem e narram a figura e papel do feminino que estão marcadas de sentidos positivos e negativos, ou seja, ora são elogios, ora são críticas. Sendo assim, essas ambiguidades estão bastante evidentes nos folhetos de cordéis que foram analisados e utilizados neste estudo.

A intenção que move esta pesquisa é tentar compreender como o cordelista Leandro Gomes de Barros aborda o feminino, baseado em suas várias representações. A escolha deste tema de pesquisa se deve ao fato de que percebi que o cordel era uma questão que muito me interessava e acabou me convidando para que pudesse conhecer muito mais dessa literatura e seus encantamentos. Nessa busca, chamou-me a atenção o cordelista Leandro Gomes de Barros e suas obras, e uma temática especificamente conseguiu captar cem por cento meu interesse: os escritos sobre o cotidiano e papel das mulheres durante os séculos XIX e XX, e como as mesmas eram vistas pela sociedade, indo ao extremo do elogio ao preconceito, com relação ao seu comportamento pessoal e social.

“Dentre os vários aspectos abordados na literatura de cordel, destaca-se com relevância os assuntos referentes à personagem feminina. Sabe-se que a presença da mulher nos folhetos é constante e o seu campo de estudo é muito vasto, porém pouco se tem feito a respeito deste tema” (OLIVEIRA, 1995, p.480).

Diante disso, então, me vi em um desafio o qual resolvi me lançar para melhor pesquisar sobre essa temática da representação feminina na literatura de cordel que, além de tudo, desde o início, tem me instigado e me deixado deslumbrada sempre que me pego lendo sobre a mesma, instigando o desejo de estudar sobre o tema com o olhar de historiadora.

Assim, usamos o cordel como fonte, pois, o mesmo tem o propósito de possibilitar a comunicação do leitor com os fatos narrados em seus versos. De fácil acesso e leitura, o cordel também possibilita que o leitor experiencie os acontecimentos ocorridos no tempo em que a história foi contada. O cordel está recheado de histórias cotidianas e também narrativas ficcionais propagadas pela oralidade e poesia improvisada pelos violeiros. Os folhetos de cordel versam as mais diversas temáticas, por isso a relevância dessa literatura para a pesquisa histórica.

A partir dessa questão, sem faz imprescindível a colocação de Rosilene Alves de Melo (2010, p. 57-22), no Brasil, a saga da literatura de folhetos tem início ao final do século XIX, quando os cordéis passam a ser sistematicamente produzidos e consumidos em larga escala. Eram recitados os mais variados temas, dentre eles aqueles que permeavam o momento, como a seca, a fome, o cangaço e a política. Guardados com aperto nas malas de couro, os folhetos eram conduzidos nos lombos de animais, nos vagões de trens e desembarcavam nas feiras, sendo logo esparramados no chão pelos poetas mascates.

A literatura de cordel não tem por obrigação reproduzir com “fidelidade” o acontecido, mas por meio da imaginação narrar uma história misturando ficção com realidade. Mas, as histórias do cordel também serviam como fonte de informações que eram escritas por vários poetas, e corriam pelo Nordeste e Brasil com muita facilidade e rapidez. Assim, o cordel é fonte bastante privilegiada, fazendo com que o historiador tenha acesso as representações que permeiam em determinados momentos.

Galvão (2006, p.31), lembra que, as histórias eram veiculadas por cantadores ambulantes, que iam de fazenda em fazenda, de feira em feira, transmitindo notícias de um lugar para outro, aproximando as pessoas. Reproduziam histórias, inventando casos, improvisos, repentes, desafios e pelejas entre cantadores. Então, a sociedade passa a se identificar com essa literatura de modo simples e de cultura tradicional.

Como citado anteriormente, o poeta ao qual dou total ênfase é um dos maiores nomes da poesia nordestina, é Leandro Gomes de Barros, considerado o cordelista que mais escreveu cordéis. De acordo com Melo (2010, p.64), a característica mais marcante de sua produção poética é a utilização do humor, jocosidade, da ironia sutil, para tecer uma crítica mordaz as

mudanças dos costumes advindas com o processo de urbanização, bem como as transformações advindas do regime republicano.

A partir desse momento de quebra, ou seja, das mudanças e urbanização que estavam em evidência, que o cordelista Leandro Gomes de Barros trás e dá destaque a imagem e papel da mulher em seus cordéis. Destarte, é proposto no decorrer deste trabalho que seja visto e compreendido como são lançadas essas imagens multifacetadas as mulheres pelos versos do poeta, quase sempre em tom irônico e crítico.

Esta pesquisa fez uma abordagem das principais características da literatura de cordel, e de que forma ela contribui na representação do papel da mulher na historiografia brasileira, excepcionalmente na cultura nordestina. Para este trabalho foram analisados oito cordéis. Os mesmos estão digitalizados e disponíveis no Acervo Rui Barbosa. Os cordéis analisados foram: *Mulher em tempo de crise (s/d)*, *As saias calções (1911)*, *As cousas mudadas (s/d)*, *O sofrimento de Alzira (1919)*, *Os martírios de Genoveva (s/d)*, *História da Princesa Rosa (s/d)*, *O valor da mulher (s/d)*, *A mulher na rifa (s/d)*. A partir das análises percebe-se as diversas facetas com relação ao feminino.

Com base nesse entendimento, o primeiro capítulo deste trabalho intitulado “literatura de cordel e as trajetórias das memórias cultural e social” busca apresentar, inicialmente, uma breve biografia sobre o cordelista Leandro Gomes de Barros, bem como a trajetória da cultura da literatura de cordel, para que o leitor possa conhecer um pouco o lugar de onde parte essa tradição. Em seguida, promovemos um diálogo com os teóricos que propõem as formas precisas para analisarmos essa cultura abordando os conceitos de história cultural, memória, história oral e representação. Também nesse capítulo propomos uma pequena discussão para apresentar o objeto deste estudo, o feminino, dialogando com Borges, Chaves e Scott nos trazendo a compreensão sobre estudos da mulher e das relações de gênero.

No segundo capítulo intitulado “o universo feminino e o meio social em que viviam nos séculos XIX e XX”, norteiam as transformações no meio social na virada do século XIX para o século XX, dando ênfase à figura feminina. Porém, essa época é também de mudanças com relação a urbanização, e por isso propomos uma discussão ao que se diz respeito a transição dos aspectos modernos que o município de Pombal – PB estava vivenciando em meio a expressivas mudanças em sua urbe. Em um terceiro momento buscamos analisar o contexto social que a mulher pombalense ocupava e estava inserida em uma virada de século bastante significativa. Porém, sempre dialogando com a história da mulher no Brasil.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado “império feminino: a mulher como personagem na poesia de Leandro Gomes de Barros”, propomos uma discussão mais pontual

ao tema central de nossa pesquisa, acerca dos folhetos do referido cordelista. A partir das análises que aqui foram feitas e expostas, compreende-se as representações, a sociedade da época, valores e papéis dessa mulher posta como personagem dos cordéis, numa perspectiva que envolvem as relações de gênero e as ligações com a cultura nordestina.

A partir daqui, deixo que o (a) leitor (a) me acompanhe nessa viagem sobre sensibilidades e representatividades do feminino postas nos folhetos de cordel do Leandro Gomes de Barros. Boa leitura!

CAPÍTULO I

LITERATURA DE CORDEL E AS TRAJETÓRIAS DAS MEMÓRIAS CULTURAL E SOCIAL

Desde suas origens até os dias atuais, são discutidas diversas visões que se fazem diferentes a cada estudo, mas sempre com a ideia de demonstrar a permanente influência da literatura de cordel. Ao discutir e anunciar a história da literatura de cordel como elemento identitário da cultura popular nordestina e também paraibana, o cordel neste capítulo se faz de extrema importância naquilo em que iremos situar e apresentar o nosso objeto de pesquisa, ou seja, o papel da mulher retratado, construído e reconstruído através dos folhetos de Leandro Gomes de Barros.

Uma leitura sobre escritos historiográficos nos revela que, a literatura de cordel chega ao Brasil junto com a colonização portuguesa. A tradição vem da Europa, onde no século XVIII era comum esse tipo de literatura. Impressos em papel pardo, tendo suas ilustrações em xilogravuras, os folhetos começam a auxiliar o que chamamos de literatura popular em verso, ou como é conhecida no Nordeste como literatura de cordel. A arte do trovadorismo, proveniente da Península Ibérica, chegou ao Novo Mundo e floresceu tanto na América Espanhola quanto na América Portuguesa. A Literatura de Cordel considerada como invenção ibérica é uma expressão que se ramifica com os estudos de folheto, onde inicialmente muitos deles tratavam de assuntos históricos.

Segundo Luís da Câmara Cascudo (1939, p.16), no livro *Vaqueiros e Cantadores*, os folhetos foram introduzidos no Brasil pelo cantador Silvino Pirauá de Lima e depois pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. No início da literatura de cordel no país muitos autores de folhetos eram também cantadores, que improvisavam versos, viajando pelas fazendas, vilarejos e cidades pequenas do sertão. Com a criação de imprensas particulares em casas e barracas de poeta, mudou o sistema de divulgação. O autor do folheto podia ficar num mesmo lugar a maior parte do tempo, porque suas obras eram vendidas por folheteiros ou revendedores empregados por ele.

Um dos representantes e pioneiro da literatura de cordel, autor, cuja obra estudaremos e abordaremos, Leandro Gomes de Barros tem a seguinte trajetória: Leandro começou a

escrever em 1899, era considerado o patrono da literatura popular em verso, o primeiro a publicar, editar e vender seus poemas, acumulando múltiplas funções. Seus folhetos raros foram publicados a partir de 1906. E mesmo após sua morte, ocorrida em 1918, o genro Pedro Baptista, dono de uma editora em Guarabira, continuou a editar esses folhetos até 1920. A temática é bastante diversificada. O cordel usa tudo, ou quase tudo, como motivo para criação dos folhetos dos poetas populares. Vale salientar que, “Leandro Gomes de Barros foi o maior vate da musa nordestina. A presente antologia é mais uma tentativa de resgatar não só a figura do poeta Leandro, mas, sobretudo, a sua poesia, bem como toda a poesia nordestina, posto que ela é parte inseparável da nossa cultura” (MEDEIROS, 2002, p. 16).

Literatura de cordel é arte, arte grandiosa do povo. Arte que compõe e revela o mundo fascinante da imaginação e do pensamento popular. O fascinante e desabusado mundo do cordel! Fascinante, pelo que contém de utópico, fantástico, maravilhoso... desabusado, por sua maneira de criticar, de comentar; pelo jeito muito seu de assumir posição diante dos fatos, perante a si mesmo e perante os outros mundos¹ (LOPES, 1994).

A literatura de cordel enquanto documento histórico nos permite a problematização de um leque de temáticas. Abordando fatos reais e imaginários, os cordelistas criam suas poesias com base no cotidiano de determinada sociedade para retratar e até mesmo denunciar o que a mesma pensa sobre determinado tempo. Segundo Melo (2010, p. 22), são histórias que transpõem as fronteiras da oralidade e chegam às folhas em branco pelas mãos dos poetas.

“Guardados com aperto nas malas de couro, os folhetos eram conduzidos nos lombos de animais, nos vagões dos trens e desembarcavam nas feiras, sendo logo esparramados no chão pelos poetas-mascates. Folhas que se derramam pelos sertões como a chuva, trazendo a esperança, a fé, o riso, o encantamento, a sabedoria. Histórias que, finalmente, se libertam do papel, da palavra impressa e voltam à boca dos poetas, dos narradores, do leito que as lê em voz alta. Histórias que retornam à oficina da vida” (MELO, 2010, p. 22).

Foi essa condição de oralidade, de uma literatura feita mais para ser memorizada, cantada e fruída coletivamente do que para ser lida individualmente, que permitiu ao cordel alcançar um público cada vez mais amplo, formado, em sua maioria, por analfabetos e semianalfabetos.

A história oral ainda no século XIX não tinha espaço entre os historiadores, já que no final do referido século a vida de pessoas comuns, ou seja, de classes mais baixas, ainda era totalmente desvalorizada, sem vez e nem voz. Tal enfoque ainda demorou a mudar, mesmo o

¹ O depoimento de Vidal Santos, membro da Academia Brasileira de Cordel, foi transcrito do livro *Literatura de Cordel: Antologia*, organizada por José de Ribamar Lopes e publicado pelo BNB em 3ª edição de 1994.

campo de interesse da história se ampliando. Embora não pertencendo mais às classes gerenciadoras, os historiadores estiveram, por muito tempo, submetidos à era de burocracia, ao poder estatal, à ciência e à estatística escrevendo sob o ponto de vista do documento escrito e sua verdade. Escrever a história com um foco diferente a partir de fontes documentais era tarefa difícil de se cumprir, mas será fruto de uma virada na metodologia de trabalho e uso de outras fontes documentais a exemplo das fontes orais cuja utilização motivou-se da curiosidade quanto às culturas populares.

Para Thompson, apesar da história oral ser vista como uma nova abordagem da evidência, sua expressão tem um passado consideravelmente remoto. Segundo ele, já no século V a.C., o método de Heródoto já tentava avaliar a evidência histórica procurando testemunhas e interrogando-as rigorosa e minuciosamente. Além disso, a tradição de oralidade utilizada nas sociedades pré-letradas para transmitir histórias de uma geração a outra, sendo assim, essa já significava uma prática oral.

Portelli (2000), adentrando nessa discussão, ressalta a importância do diálogo e do papel da história oral na busca pela sua preservação. Julga, inclusive, caber à história o desafio de renovar a questão do diálogo, denunciando ainda a monopolização da indústria de informática e computadores. “A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista” (THOMPSON, 1998, p. 25).

O grande mérito da história oral é nos trazer a realidade, que possivelmente encontraríamos diluídas na imensidão do escrito, porém impossíveis de distinguir se não estivéssemos sensibilizados para elas, ou seja, ela nos permite entender que o cordel não precisa necessariamente estar escrito para que chegue até as pessoas, pois tendo como primeiro e principal método a cultura de oralidade, de forma contada essas histórias chegavam até o cotidiano de determinada sociedade. Como o que diz a seguir, a literatura de cordel surgiu e fixou-se no Nordeste como uma das peculiaridades da cultura regional. Contando as sagas e a sabedoria do povo sertanejo.

Desta forma, Ivan Cavalcanti Proença argumenta em seu livro *A Ideologia do Cordel*² que, a popularização da literatura de cordel no Nordeste ela intensifica-se a partir do trabalho dos poetas cordelistas, que visivelmente vive num contato direto com o povo, nas feiras livres, cujo palco de suas apresentações e exposições dos folhetos. O poeta cordelista, em sua maioria é oriundo do interior, até mais ainda do meio rural, chegava aos grandes centros

² PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A Ideologia do Cordel*. Rio de Janeiro: Imagino Editora/MEC. 1976.

urbanos para que ali pudesse comercializar o seu produto, ali representado no folheto, um verdadeiro porta-voz da grande maioria das classes populares nordestinas.

“A designação – literatura de cordel – indica a espontaneidade do verso, na sua forma e no seu conteúdo. Os livretos, de impressão simples e artesanal, colocados ao alcance dos leitores nos lugares de maior assédio popular – praças, feiras e mercados – ali permanecem, pendendo de cordéis que se vergam ante a força da palavra impressa, como um libelo. Escritas como uma acusação, em que a busca pelos ideais de justiça e cidadania se estampam, naturalmente, nas rimas. Se materializam nos versos legitimados pela verdade e enriquecidos pela esperança com que nossa gente passa a recitá-los e, assim, os transmitem a outras gerações, no mais das vezes, pela linguagem oral, de onde tantas obras têm sido resgatadas” (MEDEIROS, 2002, p. 30).

A literatura de cordel estava destinada a uma estreita e direta relação com seus ouvintes e leitores, onde a poesia era cantada e/ou contada pelos cantadores, que permitiam através da literatura oral formar ciclos e atrair o público adepto a essa forma poética. Os poemas tratavam-se de acontecidos cotidianos, assim, fazendo com que a literatura cumprisse seu papel de comunicação folclórica-popular, levando a partir de seus versos e oralidade as fases, costumes e valores de uma cultura de massa.

Mas, essa, no entanto não foi em toda a sua história considerada como lugar de contar-se histórias. A renovação da historiografia através do seu contexto para com as novas abordagens, cobriu esta lacuna. Isto porque e no caso da História como diz Margarida Maria Dias de Oliveira o interesse dos historiadores era somente: organizavam as fontes históricas como se não houvesse nenhum direcionamento para os estudos posteriores. Como, por se tratarem de documentos, fossem completamente isentos de uma posição diante dos estudos históricos (OLIVEIRA, 2011, p. 42).

Destarte, a historiografia passou por grandes e significativas mudanças metodológicas, onde começa a incluir novos tipos de fontes e objetos de pesquisa fazendo com que permita um conhecimento amplo do cotidiano do passado, onde acerca dessas novas abordagens se possa entender melhor suas perspectivas contemporâneas.

Dentre os processos que marcaram e influenciaram a reformulação do tempo, bem como as correntes de pensamento dos historiadores, durante a primeira metade do século XX surge a escola dos Annales, um processo hegemônico iniciado por um grupo de historiadores, que visava um projeto para combater a história de cunho positivista que prevalecia naquele momento.

Assim foi com a chegada da Nova História Cultural que as expressões das classes populares foram consideradas, a exemplo de suas manifestações, dentro daquilo que o

conceito “popular” nos traz. Em geral é usado para se referir à alta cultura. Foi estendido para baixo, continuando a metáfora, de modo a incluir a “baixa” cultura, ou cultura popular (BURKE, 2008, p. 43).

Segundo Burke (2008), a chamada “Nova História Cultural” tem mais de uma fonte de inspiração. Ela tem uma característica mais eclética, tanto no plano coletivo quanto no individual. A palavra “nova” serve para distinguir a Nova História Cultural das formas mais antigas já discutidas anteriormente. A palavra “cultural” também serve para distinguir a Nova História Cultural de outra de suas irmãs, a história social.

“As teorias podem ser vistas como reação a problemas e também como reconceitualização deles. Certas teorias culturais fizeram com que os historiadores tomassem consciência de problemas novos ou até então ignorados, e, ao mesmo tempo, criassem por sua vez novos problemas que lhes são próprios. A preocupação com a teoria é uma das características distintivas da Nova História Cultural” (BURKE, 2008, p. 70).

Na Nova História Cultural há a preocupação de retratar conflitos e problemas que existem nas classes sociais, para que através de uma história plural possa apresentar caminhos para a investigação de determinado problema. Antes empregado para se referir à alta cultura, ele agora inclui também a cultura cotidiana, ou seja, costumes, valores e modo de vida. Sendo assim, os historiadores culturais se apropriaram dessa noção antropológica na última geração, a era da “antropologia cultural” e da “nova história cultural”.

“Em sua própria definição, cultura é um padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida” (BURKE, 2008, p. 52).

A partir de então começam a surgir outras preocupações acerca da Nova História Cultural que são os estudos das práticas e representações, duas características de extrema importância. Segundo o autor Roger Chartier, “práticas” é um dos paradigmas da Nova História Cultural. “Paradoxalmente, a história das práticas é uma das áreas dos escritos históricos recentes mais afetadas pela teoria social e cultural” (BURKE, 2008, p. 79). Porém, nesse contexto, a história seria chamada a reestruturar seus objetos, referências e conceitos de clareza.

Portanto, partindo da ideia de Roger Chartier, as representações é tudo que nos possibilita a ter uma ligação entre o que se pode ver e o que não se pode ver, ou seja, o que de

certa forma nos faz usar o nosso imaginário para pensar e/ou falar sobre algo ou alguém que não se faz presente, mas que é reatualizada.

“A representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma “imagem” capaz de repô-lo em memória e de “pintá-lo” tal como é. Dessas imagens, algumas são realmente materiais, substituindo ao corpo ausente um objeto que lhe seja semelhante ou não. (...) mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm existência, só são verdadeiramente tais, na medida em que comandam atos” (CHARTIER, 1990, p. 184; p. 12).

A história das práticas vem se sobressaindo e tendo um grande impacto sobre campos relativamente tradicionais da história cultural. O que são as “práticas culturais”? são objetos culturais produzidos por uma determinada sociedade. Esses objetos são aqueles que irão caracterizar a sociedade para que o historiador possa examiná-la com mais criticidade e clareza como traduzido na conceituação seguinte:

“São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros” (BARROS, 2004, p. 131).

Tantas formas de representação – sejam elas literárias, visuais ou mentais – foram estudadas nas últimas duas ou três décadas:

“Práticas e representações são ainda noções que estão sendo elaboradas no campo da História Cultural; mas, como já ressaltamos, elas têm possibilitado novas perspectivas para o estudo historiográfico da Cultura, porque juntas permitem abarcar um conjunto maior de fenômenos culturais, além de chamarem a atenção para o dinamismo destes fenômenos. Por outro lado, citamos atrás algumas “representações do poder” que produzem associações com um determinado imaginário político (centralização, periferia, marginalização). Quando uma representação se liga a um circuito de significados fora de si e já bem-entronizado em uma certa “comunidade discursiva”, essa representação começa a se avizinhar de outra categoria importante para a História Cultural, que é o “símbolo”” (BARROS, 2004, p. 136).

Todavia, partindo de Roger Chartier, interessa-se também, por exemplo, pelas transferências entre cultura oral e cultura escrita, mostrando como indivíduos não letrados podem participar da cultura letrada através de práticas culturais diversas (leitura coletiva; literatura de cordel) ou como, ao contrário, dá-se a difusão de conteúdos veiculados através da oralidade para o registro escrito. Ele procura criar metodologia que leve a um tratamento

plenamente histórico das fontes ficcionais. Tratamento este que deve considerar a relação entre História, Memória e Oralidade.

Isto posto, a história do cordel nos remete diretamente ao campo do entendimento dos estudos sobre memória e sua relação com a história. Esse fato se dá porque a literatura de cordel através de seus versos é um documento de memória e registro, que a partir do cordelista nos faz recordar o que aconteceu em determinado tempo e/ou momento, e principalmente expressando as raízes e falas do povo nordestino, já que essa literatura popular se fez bastante forte no Nordeste do Brasil.

A história da memória é mais uma forma da Nova História Cultural que atualmente passa por uma grande expansão, algumas vezes descrita como “memória social” ou “memória cultural”. Esse interesse é o significado e reação das mudanças tanto sociais quanto culturais que ameaçam certas identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos.

“A história da memória é um campo que revela com rara clareza a importância dos esquemas ou estereótipos, já destacada pelo psicólogo Frederick Bartlett em seu livro *Remembering* (1932). À medida que os acontecimentos retrocedem no tempo, perdem algo de sua especificidade. Eles são elaborados, normalmente de forma inconsciente, e assim passam a se enquadrar nos esquemas gerais correntes na cultura. Esses esquemas ajudam a perpetuar as memórias, sob custo, porém, de sua distorção” (BURKE, 2008, p. 89).

Se tratando do que seria a reconstrução desse passado através da memória, Ecléa Bosi começa retratando que há dois tipos de memórias que cada qual com suas características vão nos mostrando como de fato se dá as suas relações com questões do passado e presente. Mas, a questão que mais interessa aqui é o fato da conservação do passado através da memória seja ela consciente ou inconsciente. Bem como ver as memórias registradas de forma empírica.

A autora também nos descreve o conceito de Halbwachs, que se inspira na teoria de Durkheim, onde vai dizer que o passado é a sobrevivência de lembranças, ou seja, todas essas questões de representações são exercidas e assim vão se formando como percepção de consciência ou memória. Assim surge uma reflexão sobre “memória” que é tratada como uma subjetividade livre da conservação do passado: “a memória é, para o filósofo da intuição, uma força espiritual prévia a que se opõe a substância material, seu limite e obstáculo” (BOSI, 2007, p. 54).

Um dos aspectos mais instigantes do tema da construção social da memória e que nos interessa diretamente é o fato de que, a memória poderá ser a conservação ou elaboração do passado, de onde resulta uma concepção extremamente flexível da memória: “a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada”.

“A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo” (BOSI, 2007, p. 68).

Portanto, o passado é trabalho qualitativamente pelo sujeito. É a sua memória. E a memória é a emanção do saber popular, é deste modo o senso comum. Outro autor, estudioso da questão, Le Goff (2003) retrata que, o conceito de memória é estritamente crucial, embora ela surja nas ciências humanas e se ocupe mais da memória coletiva do que da individual. A memória, como propriedade de conservar certas informações, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada.

“Tal como as relações entre memória e história, também as relações entre passado e presente não devem levar à confusão e ao ceticismo. Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, a seus interesses, o que não é só inevitável como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente” (LE GOFF, 2003, p. 51).

Dito isto, é de competência do historiador ver o passado através de sua dupla forma, ou seja, dele fazer uso, para que assim compreenda os interesses do presente. Le Goff interpreta a memória como objeto da história, onde o historiador se baseia para investigar o passado.

Le Goff ainda amplia uma relevante discussão relacionada a monumento, onde diz que um monumento é um documento que, quando decifrado, nos leva às histórias intencionais e não intencionais que o construíram. Portanto, o monumento é tudo aquilo que pode chamar o passado, assim considerando recordação, como por exemplo, os escritos, as esculturas, as arquiteturas, etc.

Cabe, então, ao historiador, partindo da análise de Jacques Le Goff, problematizar o documento e sua produção com um olhar inteligente, compreendendo que a presença ou ausência do documento está à mercê das causas humanas que também não devem escapar às análises da história, buscando pelo despertar crítico as condições de sua produção histórica, tal como as relações de poder que ali se estabelecem. Todavia, nestes tempos, “os escritos desenvolvem-se a par do oral e, pelo menos no grupo dos clérigos e literatos, há um equilíbrio entre memória oral e memória escrita, intensificando-se o recurso ao escrito como suporte da memória” (LE GOFF, 2003, p. 444/445).

Ou seja, com a escola positivista, o documento triunfa. A partir de então, todo o historiador que queira tratar de historiografia deve recordar que o uso do documento como recurso é indispensável: “pois, se dos fatos históricos não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles fatos perderam-se” (LEFEBVRE, 1971, p.17). Contudo, os fundadores da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* (1929), pioneiros de uma nova história, insistiram na necessidade de ampliar a noção de documento:

“A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entreaajuda que supre a ausência do documento escrito?” (LE GOFF, 1996, p. 540).

Segundo Le Goff (2003), o novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, deve ser tratado como documento/monumento, afim de elaborar uma nova erudição capaz de transferi-los do campo da memória para o da ciência histórica. Em um último momento aqui iremos trazer uma discussão de como a cultura popular se aproxima da literatura de cordel, trazendo reflexões a partir de aspectos e contextos históricos dessa prática.

A literatura de cordel tem características da tradição popular, e também uma forte aproximação com a cultura folclórica. Como nos mostra Curran (1998), desde o princípio seus autores estavam impregnados de tradição, isto é, das crenças, valores e costumes transmitidos de geração em geração através de mecanismos relacionados a sua classe social, à Igreja e à “literatura”, a tradição literária popular do Nordeste. Dito isto, nos faz perceber e compreender o quanto a literatura de cordel é atuante na sua condição de literatura e cultura popular, é a partir de seus folhetos, misturando fatos e ficções que documenta a história de um determinado povo.

A partir disso, nos debruçamos um pouco da obra de Bakhtin que nos exhibe a relação entre a discussão e análise entre o popular e o imaginário, que foi incentivada a debruçar-se sobre as multiplicidades que se referem a cultura dita popular, como por exemplo, ritos, espetáculos, festas, obras cômicas orais ou escritas, vocabulário familiar e grosseiro. É

interessante trazer a reflexão de Peter Burke sobre a cultura popular em questão, o qual ele cita:

“Para começar, é difícil definir o tema. Quem é o “povo”? Todos, ou apenas quem não é da elite? Neste último caso, estaremos empregando uma categoria residual e, como acontece muitas vezes em se tratando dessas categorias, corremos o risco de supor a homogeneidade dos excluídos. Talvez seja melhor seguir o exemplo de vários historiadores e teóricos recentes e pensar as culturas populares (ou, como sociólogos costumam chamar “subculturas”) no plural, urbana e rural, masculina e feminina, velha e jovem, e assim por diante. O termo “subcultura” parece estar caindo em desuso, talvez porque esteja associado à delinquência ou porque, erradamente, tenha passado a significar mais posição inferior em uma hierarquia cultural do que a parte de um todo. A pluralidade, contudo, continua em discussão” (BURKE, 2008, p. 41).

Seu sentido modifica, complica e aprofunda, para que, posteriormente possa se transformar finalmente em formas fundamentais e características da sensação popular do mundo, ou seja, da cultura popular. A literatura cômica popular medieval desenvolveu-se durante todo um milênio e mais ainda, se considerarmos que seus começos remontam à antiguidade cristã. Durante esse longo período, essa literatura sofreu, evidentemente, mudanças muito substanciais. Surgiram gêneros diversos e variações estilísticas. A literatura cômica popular era igualmente rica e mais diversificada ainda.

Como aponta Ortiz (1985), até meados do século XVII a fronteira entre cultura popular e cultura de elite não estava bem delimitada, porque a nobreza participava das crenças religiosas, das superstições e dos jogos realizados pelas camadas subalternas. É claro que o mesmo não se pode dizer com relação ao povo no universo das elites. No entanto, o que vai interessar para este artigo é que pouco a pouco começa a ocorrer o distanciamento entre a cultura de elite e a cultura popular, intensificando o processo de repressão da primeira sobre a última. Os motivos que contribuem para isso na Europa são, principalmente, de ordem política.

A implementação de uma política de submissão das almas com base na doutrina oficial definida pela Teologia, feita por parte da Igreja tanto católica como protestante e o processo de centralização do Estado, ou seja, instituição de uma administração unificada dos impostos, da segurança e da língua, podem ser identificados como os principais fatores que levaram à separação entre as duas culturas apontadas acima.

Ortiz (1985) destaca ainda a crescente preocupação das autoridades com práticas que geram protestos, tumultos, como o carnaval entre outras manifestações populares. Dessa forma, o povo entra no debate moderno e passa a interessar para legitimar a hegemonia burguesa, mas incomoda como o lugar do inculto. Teve início nesse período o processo de

desencantamento do mundo, baseado em valores de universalidade e racionalidade, e valorização da cultura burguesa moderna em detrimento da cultura popular tradicional.

Sendo assim, Roger Chartier argumentava que era praticamente impossível rotular objetos ou práticas culturais como “populares”. Focalizando os grupos sociais, e não os objetos ou práticas, pode-se argumentar que as elites da Europa Ocidental no começo dos tempos modernos eram “bi culturais”, participando do que os historiadores chamam de “cultura popular” e também de uma cultura erudita de que as pessoas comuns estavam excluídas. Só depois de meados do século XVII as elites deixaram em geral de participar da cultura popular.

Partindo da perspectiva que realizamos neste capítulo, observamos para as memórias culturais, entendidas como a construção de um determinado espaço e tempo a partir do levantamento de fatos e narrativas que até foram construídas. No entanto, pretende-se mostrar uma ligação com a cultura popular, memória e a nova história cultural, que fazem e idealizam a imagem da literatura de cordel. Possibilitando a este estudo a compreensão dessa literatura popular, símbolo da cultura nordestina e brasileira.

O período que esse estudo se submete a trabalhar, retrata os anos em que Leandro Gomes de Barros escreve seus poemas com foco no feminino, trazendo a passagem do século XIX para o XX, e as mudanças por quais as mulheres passaram. No próximo capítulo irei me aprofundar mais a essas questões, apresentando o gênero feminino e a sociedade em que estava inserida.

1.1 Apresentando o foco: O Feminino

Para falar sobre um tema em específico o historiador parte de um lugar que é seu em particular. Este lugar encontra-se permeado de conceitos e formas de enxergar o mundo e o próprio ambiente que está a sua volta (CERTEAU, 1982, p.55). De tal forma minhas inquietações se referem às chamadas relações de gênero, mais especificamente sobre o feminino na literatura de cordel de Leandro Gomes de Barros, onde os discursos feitos em relação a mulher, ora são elogios e ora são críticas. Este objeto de estudo carrega um peso social muito forte junto de si, nos instigando a elaborar uma discussão historiográfica sobre tal temática.

Segundo Chaves (2017) dos estudos da mulher às relações de gênero, nas décadas de 1970 e 1980, a historiografia tem se renovado ao incorporar problemáticas, metodologias e fontes relacionadas ao conceito de gênero. Devemos ainda frisar a importância da história e

historiografia como um todo para melhor nos posicionarmos sobre os debates dentro do campo das ciências humanas.

Dito isto, segundo Borges (1985) a história seria aquilo que aconteceu com o homem ou a natureza e os estudos sobre o mesmo. Portanto, uma prática investigativa que envolve esses elementos humanos ou não e o que deles resulta. Porém não de forma total já que para a autora não existe uma “história” totalizante, mas histórias, versões ou mesmo relatos de um dado ocorrido no tempo e espaço.

Os estudos de gênero e estudos feministas vem passando por grandes mudanças desde os primeiros estudos publicados nas décadas de 60 e 70 (século XX). Em Scott (1992), as relações de gênero figuram como relações de poder e nos reportam a um contexto amplo que atravessa várias dimensões da realidade, a exemplo da história, da cultura, da economia e da política. Nas relações de gênero, o poder é exercido sobre sujeitos, individuais ou coletivos, terreno onde se cruzam práticas, saberes e instituições, resultando em efeitos de poder-saber, que se traduzem em diferenças de toda ordem utilizadas para forjar discriminações e hierarquias. Ao tratar da história das mulheres, é necessário que sejam tomados alguns cuidados.

“Quero lembrar que não se trata aqui da chamada revolução feminista, com tantas polêmicas e conotações ideológicas, com tantos acertos e desacertos, agressões e agressões demográficas, o fervor de congressos e comícios beirando a histeria na emocionada liberdade houve, sem dúvida, uma explosão de narcisismo tumultuando as ideias no natural ressentimento das mulheres se confundindo nos exageros, toda revolução é mesmo exagerada” (SCOTT, 1992, p. 65).

Segundo Scott (1992), a história deste campo não requer somente uma narrativa linear, mas um relato mais complexo, que leve em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina da história.

A partir daqui e com base no que se refere ao nosso ponto chave dessa pesquisa, a mulher retratada nos folhetos de cordel do poeta Leandro Gomes de Barros, iremos registrar, comentar e discutir no próximo capítulo um pouco do que foi a cidade de Pombal – PB na passagem do século XIX para o XX, fazer uma análise de como eram as mulheres dessa cidade, como se comportavam, o que vestiam e faziam neste momento de transição do antigo para o moderno, trazendo com relevância e importância um pouco de uma das temáticas mais marcantes da história do poeta Leandro Gomes de Barros, ele que sempre teve seus poemas com grandes repercussões, onde relacionava seus versos com os acontecimentos que presenciou, levando para os seus leitores e ouvintes a chamada construção do novo, sempre

mantendo a ironia para que pudesse fazer suas críticas a uma sociedade que estava deixando de lado seus antigos costumes, para se adaptar e enquadrar-se aos novos comportamentos.

Assim, ironicamente, Leandro Gomes de Barros fez uso da figura feminina com bastante frequência nos seus escritos, encontrando diversas visões diferentes em relação a mulher, que ora é representada pela mulher virtuosa, e outrora como mulher mundana.

CAPÍTULO II

O UNIVERSO FEMININO E O MEIO SOCIAL EM QUE VIVIAM NOS SÉCULOS XIX E XX

Este capítulo busca fazer uma análise do contexto cultural em que a sociedade pombalense estava inserida entre os séculos XIX e XX, bem como compreender o meio social, aspectos e vivências que o feminino ocupava em tempos de expressivas manifestações da cultura popular estando, portanto, em uma virada de século bastante significativa. Num segundo momento, iremos trabalhar mais especificamente o papel da mulher no município de Pombal – PB, mas sempre em diálogo com a história geral da mulher no Brasil.

2.1 Uma apresentação de tempo de cultura oral na cidade de Pombal - PB

Pombal, situada no alto sertão paraibano, se estabeleceu ao longo do século XVIII como o primeiro núcleo habitacional do sertão. Com essa temporalidade, guarda uma rica herança quando se trata de sua cultura popular. Uma de suas mais importantes práticas de cultura local, são vivenciadas no período em que acontece a Festa do Rosário,

“Em 18 de julho de 1895 foi criada, oficialmente, a Irmandade do Rosário. Seu primeiro juiz chamava-se Manoel Antônio de Maria Cachoeira. Para receber a autorização eclesiástica, Manoel Cachoeira se deslocou de Pombal até Olinda a pé, fazendo o percurso de ida e volta sozinho. No primeiro domingo de outubro ocorreu a primeira Festa do Rosário de Pombal, em uma solenidade simples” (MONTEIRO, 2009, on-line).

A Festa do Rosário representa a força de um povo que durante muito tempo carregou e carrega a esperança de dias melhores com grande devoção. Por isso, é de extrema importância a preservação desta tradição.

Em todo Brasil as festas de Nossa Senhora do Rosário são comemoradas no mês de outubro. A de Pombal comemora-se no primeiro domingo desse mesmo mês, sendo que o seu início se dá nove dias antes, com o hasteamento da bandeira da irmandade, e coroação da rainha do Rosário. Oficializada somente no final do século XIX a Festa do Rosário tem ainda representações negras dos congos e o reisado.

O primeiro grupo acompanha a procissão até a igreja e visita as famílias dos moradores e, convidados a entrarem na casa, dançam e se apresentam. O reisado é formado

por três grupos folclóricos, ritmados pelo violão, pandeiro, apito e o sapateado. Eles cantam e encenam a “Embaixada e a Guerra”. O drama “narra o que poderia ser uma revolta na corte do rei, comandada pelo secretário. O Mateus é consultado sobre a duração da guerra e verifica as horas em um relógio sem ponteiro. A sequência é encerrada com uma exaltação cívica à bandeira brasileira”, cita Werneck Abrantes de Sousa, historiador de Pombal.

Portanto, podemos entender que através das festividades dedicadas à Nossa Senhora do Rosário mostra o quão forte é o cenário de fé, através das manifestações representantes da memória e identidade da cidade. Mas, ao se tratar de sua cultura oral, traz à tona a realização de rituais religiosos através de cânticos representados pelas irmandades negras, também recorrentemente chamados de “grupos folclóricos”, esses grupos, demonstram sua fé na procissão que acontece na abertura e encerramento da Festa do Rosário.

Como sugere o autor Florestan Fernandes podemos entender que essas representações dão conta que: “existem, já nesta época, conflitos em relação aos termos cultura e folclore, sendo o primeiro associado as formas de expressões das “classes mais elevadas”, transmitidas através da escrita. Deste modo, o folclore seria a cultura das “classes baixas”, transmitida oralmente” (FERNANDES, 2003, p. 39).

Controvérsia a parte, o fato é que sua cultura de oralidade se caracteriza como um ponto de bastante significado. Pombal é berço de grandes poetas populares, a exemplo do nosso Leandro Gomes de Barros, cordelista o qual estudamos e apresentamos neste trabalho.

Todavia, nem só Leandro é fruto dessa cultura rica. Desde o início do século XIX, outros escritores vieram a se destacar nas ruas de Pombal. Poetas e cronistas que não obtiveram oportunidades de publicar suas obras, como exemplo: José Ferreira de Lima (Cazuza Ferreira), Anísio Medeiros, Argemiro de Sousa, Belarmino de França e Silvestre Honório. “Mas o poeta já nasce. Enchem-nos as horas e a vida, com o improviso de suas poesias, em que não se percebe somente a narração dos fatos, a descrição das cousas, mas também o sentido filosófico da vida e do pensamento” (SEIXAS, 1962, p. 125).

A partir da fala de Seixas percebe-se o quanto a cultura de oralidade é fortemente enraizada no nosso Nordeste, e principalmente em Pombal – PB ao qual intitulamos como berço dessa riquíssima cultura popular. Por isso, podemos ver parte dessa forte presença cultural de que se fala Seixas através dos versos abaixo do poeta Silvestre Honório Rodrigues de Souza, que deixou boa lavra de versos admiráveis. Ele viveu, lutou e morreu em Pombal, onde exerceu o cargo de Secretário da Câmara Municipal, em 1874. Ficou preso à sua terra. Não encontrou ambiente, por certo, lá fora nas cidades grandes, para concluir os seus preparatórios:

*Vou contar a minha vida
 Minha aurora de criança;
 Já não me sai da lembrança
 A minha estrela passada.
 Nasci num berço de rosas,
 Nasci no palco de flores.
 Hoje perdi os fulgores
 Da minha estrela dourada.*

(Silvestre Honório)

Para se compreender José Ferreira de Lima, mais conhecido como Cazuzza Ferreira, e os seus admiráveis versos, hoje um tanto esquecidos, é preciso conhecer a fazenda S. Francisco, onde nasceu. Morreu em 12 de dezembro de 1939. Mas, continua vivo na memória de todos os seus conterrâneos e, através das suas belas produções poéticas, nos faz lembrar o gênio poético urbano:

*Está na Santa Cruz cravado
 Nos dando todo alimento
 Deu-se esse acontecimento
 A favor da humanidade
 Tem toda festividade
 O Dia do Nascimento.*

(Cazuzza Ferreira)

Belarmino Fernandes de França, nasceu em 26 de dezembro de 1894. Teve as primeiras letras de uma escola rudimentar, que frequentou apenas quarenta e cinco dias. Sua verdadeira escola foi a fazenda Várzea da Serra. Entre a beleza da serra e a quietude da vila de Paulista, viveu ali o poeta, sempre bem alegre e bem, improvisando versos, que representam os gritos da sua alma em contato com a própria natureza. Faleceu em 20 de março de 1982, deixando seu legado que ficará para sempre na memória dos amantes da poesia popular nordestina:

*A contempla-te a grandeza
 Surge o sol no horizonte
 E a lua branca e formosa
 Nívea, casta, sem desquite
 Com sua luz prateada;*

Vem coroar tua fronte.

(Belarmino de França)

Acima os versos dos poetas estão situados e tempos do século XVIII e XIX. Mas, sem dúvida, a poesia, bem como a oralidade é algo bastante presente e forte até mesmo nos dias atuais, é através dela que os poetas e/ou cantadores representa a centralidade histórica da Terra de Maringá. Pombal (de grandes artistas) onde cuja história figura músicos, poetas e repentistas que guardamos na memória.

“[...] Oh! Terra dos meus amores, de filhos ilustres e benfeitores de juristas e de guerreiros. Pombal de povo altaneiro que repercutiu vitória assim como Rui Carneiro que logrou honra e glória. Pombal, de Celso Furtado, que conquistou vida e glória, pois no mundo é reconhecido como o maior Economista da História” (FERNANDES, 2009).

Mas, Pombal também carrega em seu tempo e sua história uma tradição de cultura letrada que expos para além das suas fronteiras nomes importantes, como: Celso Furtado, Werneck de Sousa Abrantes, Clemildo Brunet de Sá, Wilson Seixas, Jerdivan Nóbrega, entre outros que fizeram e fazem através de seus textos com que outras pessoas conheçam a cultura em si da nossa cidade, a primeira do sertão paraibana, e rica em diversos âmbitos.

2.2 O lugar: Pombal dos idos do século XIX: novos hábitos sociais de uma urbe em ascensão

Neste segundo tópico a intenção é trazer para mostrar como se deu o período em que ocorre uma visível mudança no cotidiano social de Pombal quando da passagem de um século para o outro. Uma mudança bastante significativa, pois era a chegada de novos tempos, de uma modernização que viria não só para mudar em questões de arquitetura, como viria também para mudar uma sociedade que vivia enraizada no velho.

“A cidade recebeu três denominações: Arraial do Pinhancó, depois, Arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pinhancó e, Vila Nova de Pombal em 04 de maio de 1722 quando ocorre sua emancipação política. Em 21 de julho de 1862, a vila é elevada à categoria de cidade, mantendo o mesmo nome” (INTERLEGIS, 2019, on-line).

Pombal, banhada pelos rios Piancó e Piranhas, foi uma das primeiras civilizações paraibanas, localizadas no sertão, que em idos do século XIX já começava a sentir e seguir

fortemente a modernização, há exemplo disso tínhamos transformações urbanísticas e sanitárias, que objetivavam torna-la uma cidade moderna.

Seus projetos arquitetônicos os quais sempre marcaram seu desejo pelo moderno, exemplo disso foi a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, projeto barroco que marcou o século XVIII, e como de costume para marcar a passagem do século XIX para o XX, foi feita a construção do segundo Cruzeiro, à nascente da cidade.

E, para que possamos entender e imaginar esses espaços de permanência e transformação na geografia social e humana de Pombal vejamos algumas crônicas do cotidiano que retratam o passado de Pombal, através do livro “EM ALGUM LUGAR CHAMADO POMBAL”, escrito pelos primos, Jerdivan e Ignácio Tavares. Devotados construtores de uma memória história e urbanística da cidade:

A POMBAL QUE A GENTE VIU

Jerdivan Nóbrega de Araújo³

A Pombal que a gente viu
 Corre, ruas quentes pés descalços,
 Dentro de nós moleques, quebra queixo e pirulito.
 A Pombal que a gente viu desce rio abaixo
 Rua de Baixo, ingazeiras debruçadas, beira do rio.
 A Pombal que a gente viu são praças longas,
 Bar do Centenário, sorveteria de Bernardo.
 Eram pessoas, estória e histórias contadas,
 Nas sombras das algarobas.
 Eram loucos acordados cedo da noite
 Correndo pela rua Padre Amâncio Leite.
 Chico de Leonides e João Lindolfo vendendo leite.
 Eram os foguetões de seu Inácio Clareando a noite.
 E as ironias de Pedro Corisco Provocando risos.

³ Jerdivan, dá continuidade, mais precisamente, a partir da segunda metade dos anos 60 e começo dos anos 70. Em sua contextualização, a certos momentos, o livro abraça o encantamento do gênero cômico, com palavras precisas para o riso, coisa difícil de dizer, fácil nas palavras de Jerdivan, que em determinados instantes nos leva a sorrir e a chorar, quase ao mesmo tempo.

Peripécia de Cícero de Bembém, também...
A Pombal que a gente viu eram jerimuns
Maxixes e quiabos
Nascidos monturo aberto, animal solto
Nas praças feito gente.
Era melão-de-são-Caetano, buchas e cabacinhas
As margens da cerca do capinzal de Delmiro Inácio.
Casa de seu Joaquim, casa de dona Nóca,
De dona Porcina, Zé Martins, Natércio,
Dona Raimunda, na renda,
Oiticica de Mila e o corredor estreito do rio.

Uma outra imagem bastante significativa do que estamos querendo mostrar se dá através do texto, que tem como autor Ignácio Tavares falando um pouco das histórias que lhes fora contada sobre Pombal:

MAIS UMA HISTÓRIA: VOU CONTAR ANTES QUE ESQUEÇA⁴

Ignácio Tavares de Araújo

Pombal, nas duas primeiras décadas do início do século passado tinha um líder político, cujo ciclo de mando foi bastante tumultuado. O capitão Lindolfo, como era conhecido, sempre se cercava de seguranças truculentos, que tinham como principal função protegê-lo de possíveis atentados que poderiam ser desferidos por seus adversários. Costumava delegar poderes aos subordinados e ainda lhes dava ampla liberdade de fazer e acontecer, sem o risco de sofrer qualquer penalidade. Naquela época, chegou um novo delegado na cidade, cujo sobrenome era Cardoso, não dos nossos, que resolveu pôr ordem nas coisas. Do dia pra noite passou a ser respeitado e admirado, principalmente por aqueles que tinham sede de justiça.

⁴ Este texto conta mais uma história que aconteceu há quase noventa anos. Como se trata de uma reconstituição é possível que o fato real tenha sido um pouco diferente, mas não ao ponto de invalidar a essência do texto.

Havia um segurança da preferência do Capitão, que se chamava Tarugo. Era um cidadão de porte elegante e de físico avantajado e se dizia muito corajoso. Para defender o patrão da sanha dos inimigos políticos, era capaz de enfrentar um exército, costumava dizer nas rodas de amigos. O delegado Cardoso vivia de olho em Tarugo, pois já sabia da sua fama de arruaceiro e agressor, pois costumava com muita frequência bater em qualquer pessoa que fosse considerada desafeto do Capitão.

Sendo o Capitão sabedor das intenções do delegado, deu carta branca a Tarugo, para fazer o que bem quisesse contra aquela autoridade que estava no dever de suas funções. Era somente isso que Tarugo precisava para se livrar do delegado. Dessa forma, certo dia o delegado estava nas proximidades da Farmácia Queiroga, mais precisamente na esquina, quando misteriosamente um tiro furtivo e certo ecoou no espaço e o delegado caiu sem vida. O Tarugo sai do seu esconderijo e vai lamentar a morte do indefeso e infeliz delegado.

Também, ainda com o mesmo escritor, aqui o texto vai falar de uma rua em específico, mostrando que naquela época era tida como um lugar simples, mas que para os que ali moravam era um lugar de diversão:

RUA DE BAIXO: UM LUGAR DE DIVERSÃO

Ignácio Tavares de Araújo⁵

Não tenho certeza o ano da fundação da Rua de Baixo. Presume-se que tenha sido no início do século XIX, quando aportaram aqui, na terrinha, os irmãos João e Francisco Ignácio Cardoso D'Arão. Naquela época, a principal artéria da vila era Rua do Comércio Velho, que por algum tempo foi conhecida pela alcunha de Rua de Cima. Assim sendo, deduz-se que a denominação Rua de Baixo surgiu por conta da existência de outra rua mais a cima.

Inicialmente, apenas membros da família podiam construir casas na nova rua em formação. O local pertencia à família D'Arão, pois, logo que chegaram à vila compraram uma larga faixa de terra, nas ribeirinhas do Rio Piancó, com o firme propósito de praticar uma agricultura familiar. O tempo passa. A família cresce ao passar do tempo. Assim sendo, casas

⁵ Ignácio, a partir de sua memória privilegiada, interpreta e constitui os acontecimentos dos anos 40, 50 e começo dos anos 60 do século passado, fornecendo nomes e trazendo à luz dos nossos dias, fatos que permitem o despertar das pessoas para essa historiografia quase esquecida.

e mais casas são construídas para abrigar os novos descendentes de João e Francisco Ignácio Cardoso D'Arão.

O arruamento chegou a perto de vinte casas nos anos quarenta do século passado. A esta altura, dos descendentes da primeira geração de João Ignácio Cardoso D'Arão, restava apenas Benigno Ignácio Cardoso que faleceu no limiar dos anos quarenta. Não me lembro de Pai Benigno, como era chamado por filhos e netos. A tradição oral me permitiu conhecer o Pai Benigno sem nunca o ter visto. As fotografias que guardamos, até hoje, nos revela um homem sóbrio, tranquilo, de semblante sério, de olhar terno e sorriso atraente.

Segundo os mais velhos, era de estatura elevada, acima de 1,80 de altura, tez branca de olhos azuis. Costumava sentar-se à tarde em frente à sua casa, numa espreguiçadeira, para fazer o que mais gostava: ler a Torá. Como filho de Judeu, jamais abjurou a religião do Pai. Era comum nos finais de semana receber visitas dos filhos, netos, sobrinhos que vinham de todos os recantos da cidade e da zona rural, em busca de uma benção. Abençoava a todos, assim como os aconselhavam a seguir os caminhos da dignidade, da retidão, amor e respeito aos semelhantes.

Neste tópico tratamos um pouco através das estórias e memórias narradas pelos filhos da Terra de Maringá, como a cidade era no final do século XIX e como conseqüentemente se dava o crescimento, e comportamento da sociedade diante das mudanças que vinham acontecendo, e das que posteriormente iriam acontecer.

É através daqui, ou seja, dessas falas e do que vamos iniciar no próximo tópico os novos hábitos sociais, a arquitetura e todos os outros âmbitos em que se encontrava em ascensão, com a chegada de uma modernização fruto do início do século XX, bem como a formação de novas sensibilidades que marcaram a vida dos habitantes, e como experienciaram tanto as mudanças materiais, quanto as simbólicas que atravessaram a cidade naquele período.

2.2.1 Pombal no início do século XX: as muitas possibilidades da modernidade na cidade

Para o início do século XX vamos ressaltar com mais precisão a questão de modernização que vinha invadindo e contagiando os pombalenses, porém, também iremos mostrar que para alguns nem sempre essa “modernidade” era benéfica. Mas, antes disso é preciso trazer um pouco do conceito de *modernidade*: “modernidade é uma designação abrangente de todas as mudanças – intelectuais, sociais e políticas – que criaram o mundo moderno” (KUMAR, 1997, p. 79).

Portanto, a modernidade em si é algo que sempre está e estará em constante e intensa transformação, seu termo é associado à ideia de novo estando em oposição com o antigo, ou seja, o rompimento com os padrões culturais e sociais de uma época ultrapassada para o desenvolvimento de uma época e inovações tecnológicas e culturais. Kumar (1997, p. 91), mais uma vez, discorre que a modernidade significava o total desprendimento com o passado, um rompimento completo com o “antigo”, o início de uma nova era alicerçado em princípio inteiramente novos. Ser moderno significava introduzir-se num período de progressos intermináveis na história da humanidade.

No início do século XX, Pombal passou por importantes transformações que lhes concedeu aspectos modernos – aspectos esses que ganhou muito cedo – e fazendo jus aquela época. As transformações eram: iluminação, abertura de novas ruas e rodovias, escolas, hospitais, a chegada do trem, e o cinema. Todas essas informações são encontradas em trabalhos acadêmicos tratando do período de modernização da referida cidade, e também uma fonte que usamos bastante é o livro do pombalense Wilson Seixas, intitulado “Velho Arraial de Piranhas”.

No Governo Getúlio Vargas o Brasil passou por um intenso processo de modernização, uma delas foi a criação e instituição do voto feminino, do salário mínimo, entre outras coisas que favoreciam a sociedade, e essas mudanças foram bem acatadas pelos cidadãos pombalenses, as recebendo com grande entusiasmo. Para ponderar este parágrafo, começo falando que desde o final do século XVIII, Pombal já vinha tendo traços de uma certa modernização através de seu grande feito, a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário no ano de 1721, hoje patrimônio tombado IPHAN e um dos maiores feitos arquitetônicos da cidade, em estrutura barroca.

Para tanto, já no século XX, com o processo de modernização/urbanização bem intensificado, Pombal mesmo sendo cidade do alto sertão paraibano, passa a ser agraciada e recebe essa investida moderna desse governo. E quais seriam essas investidas? Além das que citamos no parágrafo anterior, outras mudanças que ocorreram foram a higienização e transformações nos espaços urbanos que se deram desde o centro da cidade até as periferias.

Portanto, mesmo sendo a cidade interiorana mais antiga, em 1930, ainda continuava sendo a menor delas, mas mesmo diante disso o município foi pioneiro entre as cidades do Estado paraibano a implantar a energia elétrica. Motivo esse que causou bastante entusiasmo na população. A chegada das linhas férreas e do trem também foi algo que marcou e proporcionou o aumento do fluxo de comércio na cidade. Contudo, como dito antes essa modernidade não trouxe apenas benefícios:

“Por outro lado, os símbolos da modernidade causavam temor, o desconhecido provoca medo entre as pessoas, principalmente àquelas das classes menos afortunadas. E, quando da chegada do trem nem tudo foi comemoração. Muita gente, repudiou aquele transporte e tudo o que representava ruptura com os antigos valores, com a tradição” (WANDERLEY, 2004, p. 8).

Assim, como destaca em estudo sobre a cidade de Pombal, a autora Helmara Giccelli Formiga Wanderley diz que: “a ideia de modernidade implícita na sociedade de um modo geral, condiciona o surgimento de novas condutas sociais, visto que o “progresso” e seus instrumentos de lazer, induzem também ao consumismo. Todos querem acompanhar a modernidade, entretanto, nem todos podem. Isso gera revolta, e mais explicitamente, agrava os problemas de ordem social” (WANDERLEY, 2004, p. 3).

O processo de modernização de Pombal ocorreu principalmente a partir da década de 20 indo até o início da década de 40, alterando toda sua estrutura física e social. Assim, sempre estava a par de tudo que acontecia no Rio de Janeiro, procurando seguir e manter o padrão de cidade moderna em meio ao sertão paraibano. Todavia, em Pombal muita coisa havia se transformado, pelo fato e em função do progressismo, desta maneira, muitas inovações ainda estavam por vir e se fazer. Mas, as mudanças que já tinham sido consolidadas, cada uma em sua época, foram entendidas como sinal de que Pombal “civilizava-se”, iniciando assim a sua trajetória na esfera da modernização.

Tudo o que foi exposto e dito até aqui é algo que irá refletir no nosso próximo tópico, onde iremos fazer um contraponto e análise das mulheres nessa virada de século, dessa forma iremos trabalhar o âmbito local, mas, sem esquecer de dialogar a todo o momento com a história das mulheres no Brasil. Por fim, sinto a necessidade de escrever sobre a mulher através dos cordéis do Leandro, em como se deu a escrita sobre o gênero, tendo os acontecimentos cotidianos postos na mulher como personagem do cordel. Para que assim possamos conceitua-lo mais e, no entanto, o veremos como uma manifestação da cultura cordelista.

2.3 Lugares e imagens da mulher: um olhar local sempre em diálogo com a história geral das mulheres no Brasil

A escassez sobre o passado da mulher durante muito tempo se deu pelo silêncio e invisibilidade, silêncio esse por elas estarem destinadas a uma esfera privada, vivendo

exclusivamente no ambiente familiar e do lar. Onde as deixaram ausentes de muitas atividades consideradas dignas de participação e registro, mantendo-as sempre na condição de coadjuvante. O espaço público sempre foi representado e tinha presença crucial do homem. Mas, esse livre acesso ao espaço público ainda é uma constante luta para as mulheres, pois o discurso patriarcal ainda reforça a restrição e silêncio quando se trata da mulher.

É importante frisar que os estudos sobre as mulheres apenas foram possibilitados pós inovação e renovação da Nova História e Nova História Cultural possibilitando ao historiador novas abordagens e objetos para pesquisa, trazendo o lugar e dando vez e voz para os que anteriormente não faziam parte das narrativas historiográficas, os “vistos de baixo”, como ressalta Burke:

“Outra luta pela independência, o feminismo, teve implicações igualmente amplas para a história cultural, pois estava preocupada tanto em desmascarar os preconceitos masculinos como em enfatizar a contribuição feminina para a cultura, praticamente invisível na grande narrativa tradicional” (BURKE, 2008, p. 65).

Como relata a historiadora Susel Oliveira da Rosa, sabemos que, em sociedades patriarcais como a nossa, o lugar das mulheres ao longo dos séculos, oficialmente, tem sido o espaço privado – o espaço doméstico da casa, da cozinha, do quarto etc. Espaço marcado pela invisibilidade e pelo silêncio (ROSA, 2013, p. 45).

Em virtude desse silenciamento, desses discursos patriarcais etc., não se encontra narrativas que retrate a vida e cotidiano da mulher na cidade de Pombal – PB, pelo fato de ser uma cidade interiorana sua história foi escrita em cima de feitos em que a figura masculina era a responsável por tal. Dessa forma, a mulher sertaneja sempre foi vista e tratada com mais fervor como a bela, recatada e do lar. Mesmo estando em virada de século e a cidade já sendo bastante transformada de acordo com a modernidade.

Diante disso, a mulher no século XIX, mais precisamente no sertão nordestino “aparecem cantadas na literatura de cordel, em testamentos, inventários ou livros de memórias. As muito ricas, ou da elite intelectual, estão nas páginas dos inventários, nos livros, com suas joias e posses de terras; as escravas, também estão ali, embora pertencendo às ricas. As pobres livres, as lavadeiras, as doceiras, as costureiras e rendeiras – tão conhecidas nas cantigas do Nordeste –, as apanhadeiras de água nos riachos, as quebradeiras de coco e parteiras, todas essas temos mais dificuldade em conhecer: nenhum bem deixaram após a morte, e seus filhos não abriram inventário, nada escreveram ou falaram de seus anseios, medos, angústias, pois eram analfabetas e tiveram, no seu dia a dia de trabalho, de

lutar pela sobrevivência. Se sonharam, para poder sobreviver, não podemos saber” (FALCI, 2011, p. 242).

Aqui é nítido perceber o quanto a sociedade nordestina era fundamentada em um patriarcalismo muito forte e enraizado, a ponto de ser bastante difícil se desprender de algo que para eles fazia parte da sua tradição. A mulher nordestina, ainda no início do século XIX, até mesmo suas atividades eram feitas de acordo com sua condição social, mas nunca sem sair do âmbito que se correspondia ao lar, algumas ainda “saía” dessa esfera privada, porém, sempre escondida e silenciada como cita Miridan Knox Falci (2011, p. 249-250):

“As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas “prezadas domésticas” – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole. Entretanto, essas atividades, além de não serem muito valorizadas, não eram muito bem-vistas socialmente. Tornavam-se facilmente alvo de maledicência por parte de homens e mulheres que acusavam a incapacidade do homem da casa, ou observavam sua decadência econômica. Por isso, muitas vendiam o produto de suas atividades através de outras pessoas por não querer aparecer. Na época, era voz comum que a mulher não precisava, e não deveria, ganhar dinheiro. As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras – estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher”.

No decorrer do século XIX era esse o cenário em que o Brasil se encontrava, ultrapassar a barreira da esfera privada, era ir contra à toda uma conduta que já estava institucionalizada. De acordo com o autor Marcus Carvalho: “o começo do século XIX fatalmente transbordaria para o espaço doméstico, contribuindo para que fosse construída uma noção do que deveria ser família civilizada. [...] o lar tornou-se metáfora da pátria. [...]”

Dessa forma, a mulher não opinava, a família era o povo, e o homem da casa seu governante. Sendo a mulher concedido apenas o direito de ser submissa. As mulheres nem mesmo poderiam priorizar a instrução, voltando seu aprendizado apenas para os afazeres do lar.

“No sertão nordestino do século XIX, a mulher de elite, mesmo com um certo grau de instrução, estava restrita à esfera do espaço privado, pois a ela não se destinava a esfera pública do mundo econômico, político, social e cultural. A mulher não era considerada cidadã política. [...] Muitas apenas conheceram as primeiras letras e aprenderam a assinar o nome. Enquanto seus irmãos e primos do sexo masculino liam Cícero, em latim, ou Virgílio, recebiam noções de grego e do pensamento de Platão e Aristóteles, aprendiam ciências naturais, filosofia, geografia e francês, elas

aprendiam a arte de bordar em branco, o crochê, o matiz, a costura e a música (FALCI, 2011, p. 251).

Mas, esse era o modelo da mulher ideal, aquela que se dedicava fielmente e exclusivamente aos afazeres domésticos. Isso pode ser reproduzido através de um trecho do cordel “*Mulher em tempo de crise*” do cordelista Leandro Gomes de Barros, onde diz:

O homem sai de manhã

Para sua obrigação

Chega as seis horas da tarde

Inda acha duro o feijão

Acha ella se culpando

Com a lenha ou o carvão

Diz: quando você saiu

Com pouco me levantei

Escolhi logo o feijão

Dele não me descuidei

Ocupada na cozinha

Ainda não almocei.

Aqui é perceptível o quanto a mulher se mostra preocupada em cumprir suas atividades domésticas, para que seu marido ao chegar em casa encontrasse tudo pronto. E, quando não conseguia deixar tudo perfeito, tentava de todas as formas justificar seu “erro”. Estava muito mais preocupada com sua casa do que consigo mesma. De acordo com Mendes (2009, p. 85), “observa-se então, que na poesia de Gomes de Barros, as características do ‘feminino’ devem obedecer a um padrão de beleza feminina estipulado de maneira social pelo masculino”. E continua: “A mulher no cordel, para ser valorizada, deve ser bonita, donzela e que possua uma conduta submissa ao homem”. Nesse sentido, podemos refletir sobre uma poesia de ordem androcêntrica e machista, e que não aceita a mudança feminina. Fazendo com que, nessa perspectiva seja construída representações multifacetárias do feminino a partir de um olhar patriarcal, trazendo-as múltiplas características.

2.3.1 A chegada do século XX e a mudança do comportamento feminino no âmbito social e privado

As últimas décadas do Império e início da República nos mostra o exato momento de transição de papéis da mulher na sociedade brasileira e especialmente falando dos grandes centros urbanos. Mesmo o comportamento de mulher submissa e que apenas participava da esfera privada sendo algo que ainda predominava, era uma característica que pouco a pouco vinha se quebrando de acordo com o passar dos anos. Segundo Albuquerque Júnior (2013, p. 40), “as fronteiras de gêneros pareciam estar se misturando, a confusão, a marca do mundo moderno, fruto da quebra dos limites trazidos pelos costumes tradicionais, pareciam instalar-se”. De acordo com a fala do autor podemos perceber que com o advento da urbanização e modernização, algumas características fortes do campo vinham se rompendo, a ideia do novo veio para trazer diversas e fortes mudanças, no dia-a-dia, e principalmente no modo de agir e pensar das mulheres.

As mulheres apareciam cada vez mais fora do ambiente doméstico, onde a cada momento ia conquistando determinados espaços públicos, buscando algo novo. No entanto, segundo Maluf e Mott (1998, p. 368), “as mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas”.

Para os tradicionalistas, ou seja, aqueles tidos como homens que ainda tinha o patriarcalismo bastante enraizado, a inserção das mulheres no ambiente público gerou um grande desconforto, e era a partir deste momento em que se iniciava uma luta de extrema importância. Assim como escreve Margareth Rago (2011, p. 597):

“As relações entre homens e mulheres deveriam ser, portanto, radicalmente transformadas em todos os espaços da sociabilidade. Num mundo em que mulheres e homens desfrutassem de condições de igualdade, as mulheres teriam novas oportunidades não só de trabalho, mas na participação da vida social. A condição feminina, o trabalho da mulher fora do lar, o casamento, a família e a educação seriam pensadas e praticadas de uma maneira renovada”.

Era o início da luta que permanece até os dias atuais, pois ainda há uma desigualdade entre homens e mulheres, sendo assim, podemos perceber pela fala de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013, p. 95), que diz o seguinte: “o modelo de uma alteração nas relações de poder entre homens e mulheres é incontestável. Neste começo de século, que era visto por estes homens das elites do Nordeste, como marcado pela tendência a tudo igualar e horizontalizar, a tomada de poder pelas mulheres parecia uma ameaça real. Esta seria uma das faces mais radicais e explícitas do processo de feminização pelo qual passava a sociedade,

desde o advento da república. Era a face mais problemática do declínio da vida rural e do modelo da família patriarcal, que está havia sustentado”.

Ou seja, basta olhar para um passado próximo para ver que a equidade de gênero vem tomando força e espaço em todos os âmbitos sociais, e é impossível falar sobre, sem reter à memória o movimento feminista, suas vertentes e vozes que ocupam tal lugar de fala, bem como a voz de Simone Beauvoir, que sendo considerada mãe do feminismo traz à tona pensamentos como “querer ser livre também querer livre os outros”. Diante de uma sociedade machista e patriarcal, é preciso elevar a voz, para que a mesma seja escutada e seja feita a diferença. A escolha de trazer as mulheres as quais falarei abaixo se dá pelo fato de que foram figuras que romperam fortemente com o padrão e lutaram para construir seu espaço, nos fazendo perceber que as mulheres as quais os versos que o cordelista Leandro Gomes de Barros remetiam não estava apenas na cidade de Pombal – PB, mas também em um contexto muito mais amplo, como temos o exemplo de Anayde Beiriz. Nesse contexto de mudanças de paradigmas e papéis femininos na sociedade, chamamos atenção para algumas mulheres da cidade de Pombal, importantes nesse processo:

Margarida: uma mulher da rua e das lutas sociais:

Margarida Pereira da Silva, nasceu em 18 de julho de 1950 e faleceu em 05 de outubro de 2000. No Sítio Olho D’água localizado no território de Pombal – PB nasceu Margarida. Para poder estudar, o único jeito encontrado pela jovem Margarida foi trabalhar no Colégio das Freiras localizado aqui em nossa cidade. Lá germinou a primeira semente de lutar em prol da melhoria de vida de outras “Margaridas”.

Ela começou suas atividades na área social aos 17 anos, organizando um grupo de crianças para recreação e lazer aos domingos, além de montar uma turma de estudo da língua inglesa na periferia de Pombal – PB, no ano de 1967. Já em 1977, juntamente com um grupo de brasileiros e alemães, que por aqui estavam a serviço por um período de dois anos, fundou a Creche “Pequeno Príncipe” inicialmente com 35 crianças, passando a atender posteriormente, 144 na faixa etária de 0 a 07 anos de idade. Como se não bastasse esta ampliação no atendimento destas crianças que deixavam a creche por atingir a idade máxima de permanência na instituição (07 anos) e, percebendo que quase nada se tinha feito em favor dessas vidas, que, indefesas, continuavam a perambular pelas ruas da cidade, catando lixo e restos de alimentos, sem escola, ou sem famílias e ainda por cima, sem lazer! Percebeu que algo a mais precisaria ser feito, e ela fez!

No ano de 1986, fundou o Clube do Menor Trabalhador – CTB (hoje Centro de Educação Integral “Margarida Pereira da Silva” – CEMAR), em decorrência da ampliação das ações de desenvolvimento na Creche Pequeno Príncipe. Juntamente com pessoas ligadas e envolvidas com as questões relacionadas a crianças e adolescentes em situações de risco social, e desprovidas de assistência política e social básicas, por meio de grupos não governamentais que ganhou proporção. Tamanha determinação rendeu a nobre professora vários reconhecimentos e homenagens no exterior (títulos entre outros), e do sul do país (a Rede globo veio a Pombal e fez uma bonita homenagem no quadro Gente que Faz), fazendo revelar que uma nordestina mais precisamente uma paraibana de cor negra batalhou à custa de seu esforço e amizades que construiu, provou ser possível mudar a cara dos jovens deste país. Mas apesar dos esforços desta grande guerreira que lutou para que muitos pequeninos não tivessem uma vida de sofrimentos triplicados, resgatando- os desta linha de pobreza, ela foi pouco valorizada na sua terra natal, nem por isso ela fraquejou, continuou e continuou, como se fosse uma grande locomotiva que sonhava não em ser reconhecida pelos seus, mas simplesmente fazer o bem.

O seu exemplo de vida, fortaleza e luta por um futuro digno para crianças e adolescentes, está sendo vivenciado por àqueles que Margarida instruiu e deveras acolheram seus ensinamentos, e estão mostrando capacidade em ajudar os outros, dando um pouco do seu tempo, seu amor, seu trabalho e seu esforço, fazendo a diferença para os que procuram o CEMAR, fazendo valer direitos humanos, e esse sempre foi o lema principal de Margarida. O CEMAR tornou-se o último sonho desta mulher; sonho de uma criança simples, vinda do sítio Olho D’água, que lutou e aprimorou os seus conhecimentos e jamais pensou no pronome meu, sempre foi nosso, pois a união de um grupo de amigos a ajudou a realizar este sonho para todos!⁶

Outras mulheres da cidade de Pombal que romperam nessas décadas mudanças o espaço do lar dedicado anteriormente a elas, foram: Maria Leosilda Leite da Nóbrega, Ivanil Salgado de Assis, Maria Mathias Alves (Nicaula), Francisca Maria de Queiroga e Dalva Carneiro Arnaud. Era na época de Margarida, e dessas mulheres citadas acima que já tinham centenas de outras mulheres nas ruas, exercendo outros papéis, como: escritoras, professoras, e até mesmo no âmbito político, que as levavam a sair da esfera privada, e assim, poder conhecer o espaço público com outros olhos.

⁶ Sérgio, Paulo. Contando Saudade: Margarida Pereira da Silva. **Blog Contando Saudade**, 2015. Disponível em: <http://contandosaudade.blogspot.com/2011/08/margarida-pereira-da-silva-18-de-julho.html>. Acesso em: julho de 2019.

Como não se tem muitos escritos das mulheres pombalenses, pouco se sabiam a respeito da história de outras mulheres, como por exemplo da figura importante da mulher forte, e que sempre lutou pela autonomia feminina, a professora e poetisa Anayde Beiriz da capital do Estado paraibano, a cidade de João Pessoa. Por isso, trago um pouco sobre sua trajetória.

Anayde da Costa Beiriz, nascida em 18 de fevereiro de 1905, na cidade da Paraíba, atual João Pessoa, filha de um tipografo do jornal “A União” Jose da Costa Beiriz e de Maria Augusta de Azevedo, autoridade do lar. Diplomou-se aos 17 anos na Escola normal no ano 1922, mesmo se destacando como uma das melhores alunas, só conseguiu emprego na colônia de pescadores na então vila de Cabedelo. Amante das letras, a professora Anayde era conhecida no meio artístico, assídua frequentadora de saraus poéticos e dançantes mantinha bom relacionamento com intelectuais, bela e espontânea se vestia nos moldes mais modernos, adotou o uso de cabelos curtos e maquiagem o que era um escândalo para a época, mas no entanto não se importava e seguia sendo ela mesma. Circulando no meio dos intelectuais Anayde declarava-se publicamente a favor da autonomia feminina.

Anayde esteve inserida dentro desse cenário de gritante desigualdade social, cujos reflexos do ponto de vista moral resultavam em uma sociedade extremamente patriarcal e conservadora. Anayde Beiriz, mulher articulada e digamos a frente de seu tempo, rompeu e transgrediu o papel social destinado a ela e a outras mulheres por essa sociedade provinciana que relutava em admitir que a mulher se inserisse no mercado de trabalho espaço predominantemente e tipicamente masculino. Todavia, Anayde a partir do seu lugar social, estudante do que poderíamos classificar como a classe média baixa, teve para si reservada o privilégio de uma formação escolar na primeira escola de formação pedagógica da capital. Eram notadamente outros tempos que surgiam para essas mulheres da capital e com ele, enfiamentos com um tempo e um papel social anterior que se esboçavam.⁷

Mesmo com toda essa mudança que veio a causar grandes impactos, o nordestino ele ainda tinha muito da ideia patriarcal enraizado, ou seja, acabavam reagindo de um modo extremamente conservador, principalmente essas mudanças que se tratavam dos papéis entre os gêneros. Para Albuquerque Júnior (2013, p. 153) “seja por motivos eugênicos, telúricos ou histórico-culturais, o nordestino é definido como cabra macho, é uma cabra da peste, homem de fibra, uma reserva de virilidade nacional”.

⁷ SILVA, Maria Hilda da. “Na trama do destino”: Anayde Beiriz uma história de gênero, memória e representação na Parahyba nas décadas de 1920-1930. Curso de História, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2017, p. 14-15;23-24.

Portanto, mesmo conseguindo algum avanço em alguns espaços públicos, as mulheres passaram a serem alvos de muitas críticas e piadas. Passaram a serem vistas como algo perigoso e de certa forma até mesmo manipulador, sendo assim, passou a repercutir em todos os meios de comunicação, principalmente na literatura de cordel que é a nossa principal fonte de pesquisa e era um dos principais daquela época. Os cordelistas passaram então a escrever de forma criticista sobre o novo modelo da mulher, suas representações e estereótipos.

Para Maluf e Mott (1998, p. 369-370):

“O ritmo das mudanças ocorridas, considerado por muitos como alarmante, veio acompanhado de certa ansiedade por parte dos segmentos mais conservadores da sociedade, já tomados pela vertigem das grandes transformações que o país vinha vivendo, sobretudo a partir do último quartel do século XIX. Não faltaram vozes nesse começo de século para entoar publicamente um brado feminino de inconformismo, tocado pela imagem depreciativa com que as mulheres eram vistas e se viam e, sobretudo, angustiado com a representação social que lhes restringia tanto as atividades econômicas quanto as políticas”.

Diante deste cenário, a mulher que antes era vista como pura e doce, passou a ser temida pelo homem. Seu novo modo de se vestir também fora uma das principais críticas feitas pela sociedade. Aceitar o novo modo de se vestir das mulheres, entre outras características para aquela sociedade era dar abertura a uma quebra de valores e de costumes de uma região tradicional e bastante conservadora. Tanto que, tudo de ruim que vinha a acontecer, inclusive até mesmo a falta de chuvas era por culpa das mulheres e de seus comportamentos, era como se a sociedade estivesse sendo castigada por Deus por estarem de fato rompendo com suas tradições. Isso nos revela o quão forte foi o impacto causado na sociedade no início do século XX. Esse inconformismo vinha mais por parte do homem. Por estar sempre lutando por seus direitos e em constante mudança a mulher era a todo momento ridicularizado, causado pela nossa cultura que “idealizou” que essa inversão de papéis não deveria acontecer em nenhum tempo. De acordo com Mendes (2009, p. 86):

“É exatamente por que não vivemos numa sociedade do comum, considerando que o androcentrismo e o patriarcalismo, pelo simples fato de existirem, constituem o sequestro do comum, porque colonializam e contribuem significativamente para que o feminino se posicione socialmente de forma subordinada, é que podemos inferir que a representação feminina, na literatura de cordel, constitui-se de forma constituída”.

Podemos analisar e trazer de uma forma mais geral tudo o que foi dito e se pretendeu discutir neste capítulo. O que intencionamos até aqui foi a compreensão de como foi e é construída a tradição de oralidade e cultura popular na cidade de Pombal, bem como, mostrar

o quanto a cidade se tornou berço da poesia. Buscamos apresentar seu processo de ascensão à urbanização, mostrando um pouco da sua trajetória do século XVII até o XX, trazendo à tona seus feitos arquitetônicos e principalmente as outras mudanças em aspectos sociais. Por fim, apresenta-se a figura da mulher pombalense, aquela que no processo de mudança dos seu papel vai às ruas para lutar por seus direitos, ao apresentar a figura dessa mulher. Também colocamos em discussão a imagem da mulher paraibana, remetendo-a a Anayde Beiriz. No entanto, nos faz perceber que a imagem da mulher sempre aparece de forma integrada, mostrando-nos uma cultura extremamente complexa e patriarcal. Nessa concepção, vimos, o quanto as mulheres são marginalizadas pela sociedade, julgadas e estereotipadas no meio social, notando assim, uma faceta de preconceitos contra a mulher. Mas, são a partir desses rótulos e preconceitos, que com o passar do tempo e até os dias atuais as mulheres crescem e lutam pela sua autonomia, mulheres que saem do espaço privado para lutar pelo seu espaço na esfera pública. E assim, apresentamos como estas imagens e papéis são construídos, e posteriormente desconstruídos, principalmente pela historiografia do município de Pombal – PB e também pela brasileira.

CAPÍTULO III

IMPÉRIO FEMININO: A MULHER COMO PERSONAGEM NA POESIA DE LEANDRO GOMES DE BARROS

O feminino é um dos temas bastante abordado na historiografia e recorrente na história a exemplo da sua presença na literatura. No que diz respeito a literatura de cordel e no caso em foco, também se faz presente nos poemas de Leandro Gomes de Barros, cordelista pombalense. Neste terceiro capítulo pretende-se discutir e dissertar sobre essa presença da mulher como personagem nos cordéis do referido poeta.

O tempo e espaço da escrita de Leandro Gomes de Barros em Pombal nos idos de final do século XIX e início do século XX era um espaço de formação social tradicional como da sociedade nordestina, predominava o papel da mulher como aquela que faz de tudo, a mulher dona de casa. Na contramão dessa visão, encontramos a figura da mulher heroína como Leandro Gomes de Barros a descreve no poema “*O poder oculto da mulher bonita*”.

Por outro lado, percebe-se também que ele escreve seus poemas em forma de crítica à mulher, no cordel “*As cousas mudadas*” vemos de forma clara, onde o universo feminino “troca” de lugar com o masculino e passa a ser julgada. Através de narrativas como essa, a mulher ou o feminino toma feito e invade o universo do poeta popular Leandro Gomes de Barros. Considerar seus textos como documento para decifrar esse universo é também possibilitar um alcance importante do mundo das representações a que o poeta considerou.

Escrever sobre a mulher através dos cordéis do Leandro Gomes de Barros, tem a ver com meu propósito e interesse acadêmico em entender e contribuir com a escrita sobre gênero, entendendo os acontecimentos cotidianos que colocam em cena a mulher como personagem do cordel, além da importante oportunidade para adentrarmos através do universo cultural da cultura cordelista, no mundo e na sociedade da época, seus valores e seus papéis.

Portanto, traremos uma escrita e discussão mais detalhada sobre história, literatura e as representações da mulher, como temas que abordaremos com mais ênfase neste capítulo, a partir da análise dessas representações acerca do feminino nos cordéis de Leandro Gomes de Barros. Nesse sentido nossa interface para o diálogo são os estudos da chamada nova história cultural.

3.1 Luta por direitos iguais e ascensão do movimento popular feminista

Sabe-se que as mulheres durante muito tempo foram excluídas da historiografia oficial, a História sempre foi feita para homens, e também escrita e construída por eles, fazendo com que a mulher apenas fosse representada como sujeito histórico às margens ou estereotipada. Isso enraíza um discurso que por muito tempo foi base para a nossa sociedade, causando diferenças carregadas de consequências a impedindo de ter acesso ao meio social e político. De acordo com Simone de Beauvoir (1970, p. 97-98):

“Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na natureza e na mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe o seu destino”.

De acordo com Duby e Perrot (1995, p. 07):

“As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da História. O desenvolvimento da Antropologia e a ênfase dada à família, a afirmação da história das “Mentalidades”, mais atenta ao cotidiano, ao privado e ao individual, contribuíram para as fazer sair dessa sombra. E mais ainda o movimento das próprias mulheres e as interrogações que suscitou. “Donde viemos? Para onde vamos?”, pensavam elas; e dentro e fora das Universidades levaram a cabo investigações para encontrarem os vestígios das suas antepassadas e, sobretudo, para compreenderem as raízes da dominação que suportavam e as relações entre os sexos através do espaço e do tempo”.

Assim, nesse contexto, dava-se início a uma luta por espaço em seu meio social e também por igualdade, o movimento feminista vinha com o intuito de realizar grandes conquistas, tanto em relação à abertura do mercado de trabalho para a mulher, como também para que as mesmas tenham sempre a iniciativa de lutar e conquistar seu espaço, combatendo a opressão, e se fazendo mais presente e autônoma na sociedade. Já que por tanto tempo viveram no ambiente privado e silenciadas, chegava o momento de serem protagonistas de sua história.

A modernidade foi uma condição definitiva nesse processo. Junto com essa modernidade veio o aumento das máquinas, a mão de obra feminina e após veio o movimento pela luta por direitos iguais, assim desconstruindo a historiografia oficial, marcada por preconceitos. É nesse contexto que a mulher consegue se inserir e romper a barreira do silêncio e da invisibilidade.

Como nos fazer ver Ferreira (1996, p. 10): “no Brasil da virada do século, começava a nascer um feminismo que contestava os já citados mitos sobre a inferioridade feminina e a imagem da intelectual como uma mulher avessa ao lar e à família”.

Como movimento, o feminismo de que fala a autora, ganha expressividade por causa da grande quantidade e participação de mulheres de vários grupos sociais. Assim, uma luta por espaço no meio social, por direitos iguais, por voz e visibilidade, luta essa que permanece até os dias de hoje. O movimento feminista se deu inicialmente através de uma manifestação pela luta do direito ao voto. Na sequência teve como resultado expressado nas eleições de 1932 no governo de Getúlio Vargas, na cidade de Mossoró – RN. Nesse momento as mulheres também estavam em lutas operárias.

De acordo com Muniz (2015, p. 318-319):

“Em torno dessa agenda política mais ampla, os feminismos se organizaram e atuaram combativamente, por meio de múltiplas e diferentes estratégias, desde sua “primeira onda” no século XIX, e nas que lhe sucederam, nos séculos XX e XXI, em defesa de mudanças sociais. Estas incluíam, inescapavelmente, conquistar para as mulheres a igualdade de condições no mundo do trabalho, da educação, da política, da ciência e da cultura; contemporaneamente, os feminismos, em diferentes espaços e temporalidades, mobilizam a sociedade em torno do projeto político de respeito à diferença e de escolha de todo ser humano, particularmente as mulheres, ainda total ou parcialmente, privadas, discriminadas e excluídas desses direitos. Direito de escolha de cada um sobre seu corpo, sexualidade, reprodução, desejo, prazer, trabalho, profissão, saúde, afetos etc. enfim, sobre sua vida”.

Ainda com relação ao conceito do movimento feminista, de acordo com Alves e Alves (2013, p. 117):

“Percebe-se que a principal luta do movimento feminista é combater a opressão a que estão sujeitas as mulheres, as quais almejam alcançar autonomia e protagonismo na sociedade, defendendo a igualdade de direitos entre homens e mulheres. É importante que as ideias e causas deste movimento sejam conhecidas por todos os cidadãos e sejam levados à frente nas lutas sociais a fim de que haja alguma mudança sobre o conceito de mulher na sociedade e sobre o seu papel dentro dela”.

Como nos faz ver essas falas dos autores acima colocadas, em meio a essas mudanças, o feminino se reformulava cada vez mais, trazendo à tona seus novos hábitos, e lutando cada vez mais pela sua autonomia e emancipação do seu meio social.

Assim, mesmo que, em um período da história as mulheres estiveram invisíveis e silenciadas, sendo vítimas de uma sociedade extremamente marcada pelo patriarcalismo, como nos mostra Beauvoir, Duby e Perrot, que parecesse que as mesmas estavam predestinadas aos afazeres do lar, ou seja, ao ambiente privado, uma outra face da moeda

mostra que também viviam em constante luta pelo seu espaço na sociedade sem que fossem enxergadas pela historiografia, pois, os estudos sobre a história das mulheres só começaram a serem vistos, discutidos e pesquisados após a ascensão da nova história cultural e dos estudos pós colonialismo, que nos traz diversas abordagens. Diante disso, pontuamos que os autores que aqui trouxemos para dialogar conosco e nos auxiliarem nos permitirão a partir de suas obras, pensar o masculino e o feminino afim de escrever sobre representatividade desses sujeitos no tempo e no espaço.

Em diálogo com Muniz e Silva, vemos claramente o momento em que a mulher começa a passar por mudanças no seu comportamento, no seu modo de vestir e no seu modo de falar. É nesta época em que as mesmas vão saindo aos poucos da esfera privada e adentram em outros ambientes, tornando-se ativa na sociedade. Porém, isto é decorrência da luta pelos seus direitos e igualdade. Dessa forma, com esses autores dialogamos e traçamos linhas interpretativas sobre a questão da mulher e do feminino na historiografia brasileira, para que tenhamos a perceptível mudança dessa questão através dos folhetos de cordel do Leandro Gomes de Barros.

3.3.1 O poeta Leandro Gomes de Barros e suas representações do feminino: novos olhares sob a mulher?!

Para entender a escritura de Leandro Gomes de Barros acerca da mulher, é preciso situá-lo no tempo e no espaço, seu território e sua mentalidade, como falamos em capítulos anteriores e iremos trazer um pouco mais para este capítulo.

Leandro Gomes de Barros nasceu no sertão paraibano, no dia 19 de novembro de 1865, na Fazenda Melancia, zona rural do município de Pombal – PB, filho de José Gomes de Barros Lima e de Adelaide Gomes de Barros Lima. Após o falecimento de seu pai, aos nove anos Leandro mudou-se para a cidade de Teixeira, também na Paraíba, que fica a mais ou menos 101 km de distância de Pombal. Desde então, Leandro foi criado pelo seu tio, padre Vicente Xavier de Faria. Leandro sempre teve uma convivência muito grande com cantadores e violeiros locais, que se tornaram grandes influências para o poeta.

Em 1889, consolida-se o ano em que Leandro Gomes de Barros começa a escrever seus poemas, e assim sobrevivendo de seus folhetos era preciso que o mesmo viajasse por todo o nordeste brasileiro, para que pudesse sustentar sua família. No ano de 1893, dá início ao processo de edição do cordel, é o ano também em que passa a ser chamado e considerado o

patrono da Literatura Popular em verso no Brasil, isso por estar em diversas funções como: escrever, editar e vender.

Leandro Gomes de Barros não é de antes e nem depois, ele é daquele meio, ou seja, daquela época. nesse meio, tendo em consideração a sociedade de um modo geral, período compreendido pelo final do século XIX e início do século XX, havia já novos modelos de mulheres. Então, na escritura de seus cordéis esta realidade se faz presente em forma de uma tensão multifacetada do novo e do velho, gerado pelos novos papéis e pelos novos comportamentos femininos. Dessa forma essa alteração dos costumes fez com que se pensasse a partir dessa existência do novo. Leandro Gomes de Barros foi levado a um novo olhar, fazendo um apanhado geral sobre a figura feminina.

Portanto, é perceptível quando lemos sua obra que a imagem da mulher aparece com inúmeras características, são postas de acordo com a época/momento em que é citada pelo poeta Leandro Gomes de Barros. Será que ele intencionava isso? Mas, de qualquer modo seus poemas levavam as pessoas para a discussão, para que a sociedade em si passasse a questionar a figura e papel da mulher em seu meio social.

3.3.2 Abrindo o folheto: os cordéis como documento de escolha

Na história dos cordéis temos que estes passam por um processo de transformação, onde as narrativas orais são passadas para os folhetos de forma totalmente cuidadosa, sendo cada detalhe reparado de forma minuciosa⁸. Neste sentido, é importante perceber que antes e para além da escrita dos cordéis o conteúdo de suas narrativas já existiam e tratavam sobre o que vai passar a ser sua temática. Do universo de uma produção importante em fins do século XIX e início do século XX iremos utilizar como recorte, como já dissemos anteriormente, os cordéis do Leandro Gomes de Barros, referência na história da literatura de cordel no Brasil e principalmente poeta paraibano da cidade de Pombal, para fazermos uma análise e leitura dos mesmos para explorar o universo poético sobre a mulher, que entre a década dos anos 90 teve poemas escritos pelo cordelista. Dos cordéis do poeta, analisamos e constatamos cerca de 30 cordéis que falam sobre cangaço, amor, cachaça, catolicismo, vida urbana, corrupção, modernidade, demonologia, mulher, entre muitas outras temáticas.

⁸ A literatura de cordel é uma poesia folclórica e popular com raízes no Nordeste do Brasil. Consiste, basicamente, em longos poemas narrativos, chamados “romances” ou “histórias”, impressos em folhetins ou panfletos de 32 ou, raramente, 64 páginas, que falam de amores, sofrimentos ou aventuras, num discurso heroico de ficção; Seja literatura popular ou folclórica, se não uma combinação das duas, o cordel é, antes de mais nada, poesia popular.

Sabendo que a obra de Leandro Gomes de Barros é extensa, tendo escrito aproximadamente cerca de 240 obras, com vários poemas conhecidos, trabalharemos neste capítulo os que mais me despertaram a atenção, pois se tratava essencialmente do meu objeto de pesquisa e também da minha problemática. Cordéis que abordam o feminino em seus papéis na sociedade. Portanto, os cordéis com os quais resolvi trabalhar são: *Os martírios de Genoveva*, *O sofrimento de Alzira*, *História da Princesa Rosa*, *Mulher em tempo de crise* e *O valor da mulher*; estes são os que marcaram o século XIX tratando da figura da mulher submissa do ambiente privado, que vivia silenciada, marginalizada e calejada a um preconceito fruto de uma sociedade e época extremamente fortificada pelo patriarcado.

A mulher na rifa, *As saias calções* e *As cousas mudadas*; estes são cordéis que marcaram o final do século XIX e início do século XX, neles podemos perceber o quanto o comportamento da mulher muda em relação a vários aspectos, como sobre a vestimenta, fala e seu papel na sociedade. É aqui que vemos o grande rompimento da quebra desse padrão de mulher dona de casa, imposto pela sociedade como colocado nos cordéis acima. Tem-se aqui o começo de um tempo, de uma luta por direitos e igualdade social, aqui é a marca da saída da mulher na sociedade do ambiente privado e entrada para o ambiente público.

Todos estes cordéis tiveram repercussão em sua época e estão dentro dos clássicos do poeta, mas alguns deles somente foram publicados após o falecimento de Leandro Gomes de Barros. Portanto, por meio destes, Leandro explicita veemente o papel do feminino. Neles são colocadas e contadas histórias do cotidiano de mulheres que apesar de sofrerem, seja por qualquer motivo, ainda assim se destacaram nos versos dos cordéis, seja pela sua bravura, desejo de mudança, defendendo sempre sua classe e sua família dentro dos seus limites, mas sempre buscando uma condição de vida melhor.

No que diz respeito a essa temática mais específica que liga o feminismo a mulher, partimos de acordo com a fala de Albuquerque Júnior (2013, p.34), os estudos feministas e a história das mulheres aproximaram-se e dialogam com a nova história cultural, pois propõem justamente a desconstrução da categoria “mulher”, que remete a uma identidade social fixa – branca, cristã, ocidental, escolarizada, classe média – para se considerar as possibilidades do múltiplo, heterogêneo e do instável na/da experiência constituidora dos sujeitos históricos; construções sociais, linguísticas, culturais, isto é, históricos, e não biologicamente determinadas.

É notório que no contexto dos folhetos de cordel no Nordeste, a presença da mulher é algo que se vê constantemente, pois, “essa região proporcionou um ambiente favorável à implantação e expansão dessas produções que, na sua maioria, tratam das esposas heroicas,

das virgens fieis, das filhas astutas, além de outras” (OLIVEIRA, 1995, p. 450). É também a partir desses cordéis que se passa a reinterpretar a nova imagem da mulher, que busca a liberdade para si mesma.

Embora estes periódicos do final do século XIX viessem com uma roupagem mais moderna, como por exemplo, as mulheres aos poucos irem conquistando seu espaço na sociedade, era possível ainda encontrar resquícios de um regime que era totalmente o oposto que acabava ainda remetendo a conduta feminina do século XIX. Em “*O sofrimento de Alzira*” a personagem é uma condessa. Alzira é filha do conde Aragão, muito bela, ela corresponde ao protótipo da dama casta e frágil. Sua vida era uma renúncia completa; foi educada para aceitar como marido aquele que seu pai escolhesse, satisfazendo ao desejo de posse paterno, mostrando que a mulher só era reconhecida no papel de filha obediente ou dentro do casamento. Há nessas narrativas uma demarcação dos ideais masculinos, mostrados a partir do discurso moralizante e conservador:

Afinal Alzira era

Amparo dos desgraçados,

Mãe dos órfãos desvalidos

Braços e pernas dos aleijados,

Os cegos pobres dali

Era por ela amparados.

(...)

O Duque pediu ao conde,

O conde disse que dava.

Alzira disse ali mesmo

Que com ele não casava.

O Duque quando ouviu isso,

Como criança chorava.

(...)

Alzira disse: -Eu não caso

Pois me faz repugnar.

Disse o Conde: - Pois em mim

Não deves nada esperar;

De hoje em diante até a benção

Eu não hei de te botar.

*Aí vestiram Alzira
 E foi ela se casar,
 O sol mudou de repente,
 A luz querendo embaçar,
 Então uma ave agoureira
 Não deixava de cantar.*

“Afinal Alzira era amparo dos desgraçados”, nesse verso podemos observar que Alzira assume o papel de “amparo dos desgraçados”, ou seja, era aquela mulher que levava alívio aos desassistidos, considerada a mãe de todos. Mas, que com tudo isso estava fadada a submissão e condenada à morte pelo seu próprio pai.

“O Duque pediu ao Conde, o conde disse que dava. Alzira disse ali mesmo que com ele não casava”; “Alzira disse: -Eu não caso pois me faz repugnar. Disse o Conde: -Pois em mim não deves nada esperar”; “Ali vestiram Alzira e foi ela se casar, o sol mudou de repente, a luz querendo embaçar, então uma ave agoureira não deixava de cantar”, já a partir destas narrativas observa-se explicitamente o conservadorismo e patriarcado daquela época, esses são atos da dominação masculina, onde oprime e limita o feminino, mostrando o quanto a personagem Alzira tem sua existência estritamente submetida ao masculino. A aceitação desse casamento não demonstra a união entre homem e mulher, e sim sua subordinação a outro dono, tendo em vista que também não se trata de sua emancipação e/ou liberdade.

Alzira era mulher bonita e bondosa, por ser representante da nobreza era conservada pelo seu pai e participava da moralidade social. O poema possui discurso moralizante e conservador, por isso no decorrer dessa narrativa Alzira deixa sua luta pela liberdade de lado uma vez que sua vida tinha como herança a base patriarcal, onde o poder concentra-se apenas a figura masculina. Em uma outra narrativa, cordel *História da Princesa Rosa* traz a ideia da mulher submissa, que ainda continuava a se dedicar ao lar e a família, vista com total inferioridade, na obrigação de viver dentro da esfera privada e também sujeita a cumprir as regras de uma sociedade machista e conservadora, assim seguindo o paradigma de mulher santa onde suas qualidades são apresentadas como valores:

Casada com um senhor
 Da alta sociedade
*Pura como a inocência
 Sincera como a verdade*

Podia ser o modelo

Da humana honestidade.

(...)

Então a dita princesa

A qual seu nome era Rosa

Era uma espôsa modelo

Bem amável e carinhosa

Mãe exemplar da pobreza

E nunca foi orgulhosa.

(...)

Muito honrava ao marido

E já tinha dois filhinhos

Que aos ditos dispensava

Metade dos seus carinhos

Amava a religião

Não seguia os maus caminhos.

“Pura como a inocência sincera como a verdade podia ser o modelo da humana honestidade”; “Era uma esposa modelo bem amável e carinhosa”, aqui podemos ver claramente o quanto a mulher vista como pura era um modelo a ser vangloriado e seguido pela sociedade, representando a esposa casta e fiel e que o cordel mostra sob uma perspectiva seu papel de mulher virtuosa, sinalizando um comportamento feminino que tinha como intuito manter a ordem social. Sua vida era uma renúncia completa.

“Muito honrava ao marido e já tinha dois filhinhos”, neste verso é perceptível a honra e submissão da mulher ao seu marido, sendo mantida apenas dentro do ambiente privado, ou seja, destinada aos afazeres domésticos, cuidados com o marido e seus filhos. A mulher guardiã da honra da família. “Amava a religião não seguia os maus caminhos”, a esse cenário faz-se necessário associar a figura da mulher religiosa e o seu papel de acordo com a igreja católica, tendo em vista que o catolicismo era um dos mais importantes lugares de definição desses comportamentos, bastante contemplado, fazendo com que se use a representatividade de Nossa Senhora e o associe a um modelo de mulher santa, com traços de um matriarcado muito forte. Os valores mencionados são importantes nessa sociedade marcada pelo conservadorismo, pois marcam a garantia do bem comum e de um meio social imposto por essa herança.

Como dito anteriormente por séculos de história no mundo das mulheres lhes eram permitidos apenas o espaço privado como alienação, fazendo com que o espaço público fosse inteiramente restrito a elas. Independentemente de qualquer aspecto estavam excluídas do meio social, vivendo silenciadas, e também afastadas de assuntos do âmbito político e econômico. Porém, esse era o modelo ideal a ser seguido, e podemos ver com clareza nos trechos a seguir do cordel “*Mulher em tempo de crise*”:

O homem sai de manhã
 Para sua obrigação
 Chega as seis horas da tarde,
Inda acha duro o feijão
Acha ella se culpando
Com a lenha ou o carvão.
Diz; quando você sahiu
Com pouco me levantei
Escolhi logo o feijão
Delle não me descuidei
Occupada na cusinha
Ainda não almocei.

Nas estrofes marcadas é nítido o quanto a mulher demonstra preocupação quando se trata do cumprimento de seus afazeres do lar, para que assim quando seu esposo chegava em casa do trabalho tudo já estava pronto.

“Escolhi logo o feijão dele não me descuidei”, destacamos aqui que mesmo com tanta preocupação em exercer seus afazeres domésticos, quando não os conseguia, se culpava e tentava a todo custo justificar o seu “erro”, estava mais preocupada com a casa e com o marido, do que consigo mesma.

Essas responsabilidades aconteciam, pois, era esse o padrão imposto pela sociedade a mulher, e as mesmas deviam obedecer a essas regras diante de uma sociedade machista e conservadora.

No cordel “*Os martírios de Genoveva*” trazem à tona a história das qualidades femininas apreciadas, como caráter e louvação à fé cristã. Características padrões impostas pela sociedade em que se vivia naquele momento, está totalmente enraizada pelo patriarcado. A Genoveva também lhes era atribuída a figura de mulher santa, aquela que de nenhuma

forma seguia maus caminhos, vivia na pureza, considerada até mesmo, como diz na última estrofe desse poema “Mais perfeita do altar”. A beleza feminina era algo bastante peculiar e importante, e sempre colocada em execução, dessa forma a beleza é estimulante e atraente aos olhares masculinos.

Genoveva aos quinze anos

Fazia o mundo pasmar;

Sua beleza era tanta

Que fazia admirar:

Era linda como a santa

Mais perfeita do altar.

Neste momento, analisaremos o cordel “*O valor da mulher*” que nos faz observar o quanto a mulher está predestinada a seguir um padrão de beleza feminina imposto socialmente pelo homem, ou seja, a mulher para ser valorizada devia possuir as seguintes características: ser bonita, donzela e submissa ao homem.

A mulher é o anjo titular,

Do jardim é a mais mimosa flor

É as asas da ave do amor

E senhora sublime de um lar

A mulher é o gênio singular

Das moléculas sublimes do narcizo

Se a mulher já viveu no paraíso

Prova bem que desceu do alto céu

Basta ver que do mundo ela é o véu

E cativa qualquer sêr com o seu riso.

No verso em que diz “E senhora sublime de um lar”, nos mostra mais uma vez que o feminino estava reservado estritamente ao ambiente privado. A mulher cumpria com os afazeres domésticos, cuidar de seus filhos e marido. Assim o que vamos percebendo é que mesmo estando passando por um momento de transformação e de inversão dos papéis entre

homens e mulheres, algumas ainda não abandonavam seus afazeres domésticos, sem perder a postura de ‘chefe do lar’, da mulher doce e meiga.

No entanto, podemos perceber o quanto há uma delimitação com relação ao universo temático dos cordéis quando se trata das relações de gênero, trazendo uma visão estereotipada espelhada na mulher santa (Maria) x pecadora (Eva). Diante deste cenário, o poeta Leandro Gomes de Barros mostra fielmente através dos seus poemas sobre a representação dos tipos femininos e a fronteira que existia, mas que de certa forma ainda permanece até os dias atuais, entre a mulher do lar e a mulher “da rua”.

É interessante e também importante ressaltarmos aqui a representação nos cordéis, tendo em vista que, em vários deles é encontrado como característica da mulher contemporânea a busca pelo exercício de sua identidade feminina. No século XX o país passava por um grande e importante processo de modernização, assuntos relacionados ao universo feminino, em especial a conduta seguida pelas mulheres no Brasil do século XX, em especial no ano de 1930, período onde se evidenciava que “a cabeça da mulher, deixou de ser o mundo de travessas, grampos e fitas”. E isso causa espanto por parte da sociedade sobre esse novo modelo e comportamento das mulheres do século XX. De acordo com Barbosa (2010, p. 209;224):

“A mulher deixa de ser demonizada, assumindo funções masculinas no trabalho e a mulher de casa passa a exigir uma divisão de afazeres com o marido, desconstruindo a visão burguesa de que os trabalhos domésticos devem estar limitados à mulher; o autor popular faz uso da recriação do estereótipo da feminista para exprimir novas atitudes femininas que vão inverter as relações de gêneros predominantes no sistema patriarcal”.

Para constatar a presença dessa situação de mudança no cordel, esse modelo do novo, ou seja, o momento em que ocorre a quebra da hegemonia, do modelo e papel da mulher dona de casa, rainha do lar, pura e sacramentadas quando de tradição pelo fato da passagem de um século para outro, fica evidente no trecho do cordel *A mulher na rifa*, que nos mostra esse novo lado da mulher, seus novos preceitos e costumes:

A mulher também dizia

Casei a primeira vez

Mas se o fulano morrer

Caso mais duas ou trez

Se não faltar namorado

Serei noiva todo mez.

“Casei a primeira vez”, isto significava e era tido como um modelo tradicional, era um modelo/comportamento que dizia respeito a uma regra tradicionalista que a mulher deveria seguir; “Caso mais duas ou trez se não faltar namorado serei noiva todo mez”, aqui já percebe-se um teor de afronta ao conservadorismo, se tornando uma forte expressão de rompimento, não dando mais pra disfarçar essa quebra de padrão. Diante disso, é perceptível que esse modo de pensar patriarcal ia aos poucos se renovando, fazendo com que a figura feminina ousasse e aparecesse mais nas esferas públicas, causando espanto na sociedade, e principalmente nos homens. E a literatura acompanhava todo esse processo de rompimento com o patriarcal.

A mudança na vestimenta da mulher foi algo que também passou por grandes mudanças, que de certa forma reagia e estava ligada também a transformação urbana. No entanto, o corpo e principalmente a aparência passam a adentrar no século XX como questões primordiais, embalados pela busca e desejo de sua liberdade. Portanto, de acordo com Ceballos (2003, p. 101): “as mulheres “de bem” presenciavam novas concepções estéticas que abriram brechas nas antigas normas. Muitos homens, apesar de criticarem essas novas figuras, não deixavam também e vislumbrar um “colorido exuberante” presente nas roupas ousadas”. E Leandro Gomes de Barros não poderia deixar este momento passar despercebido, então expressa em versos, criando o cordel, “*As saias calções*”, para marcar na literatura de cordel essa mudança na forma de se vestir das mulheres:

O mundo está às avessas

As cousas não vão de graça,

É homem raspando bigode

E mulher vestindo calça,

Isso é um pão com formiga,

Um banheiro com fumaça.

Depois que veio essa moda

De mulher botar chapéu,

Pegou a faltar a chuva,

Secaram as nuvens no céu,

Os pobres paes de familia

Estão soletrando charéo.

As mulheres que só vevem
 A sondar a invenção,
 Acharam que estavam bem
 Inventando cinturão,
Com pouco mais ellas andam
Com cartucheira e facão.

Procuro um jeito nelas
 De forma nenhuma acho,
 São botões como diabos
 Desde cima até em baixo,
 Estando mulheres e homens
Parece ser tudo macho.
 Hontem morreu uma velha
 E não quis a confissão,
 Disse ao filho antes da morte,
 Para mim não faça caixão
 E quero em vez de mortalha
 É uma saia calção.

Como é descrito no verso acima “O mundo está às avessas; E mulher vestindo calça” , a partir do momento em que começa a aceitar o novo modo de vestimenta das mulheres, que ao final do século XIX começaram a usar calças, era dar espaço ao rompimento de valores e costumes padrões de uma sociedade extremamente machista, tradicional e conservadora. Os homens percebem que as mulheres podem se vestir assim como eles, como vestir calças, botar chapéu e isso é motivo de um impacto e medo muito grande, fazendo com que eles passem a se sentirem inferiores a figura feminina. Assim, era crescente a insatisfação e desespero do homem com relação a nova mulher que ali surgia. Aquele que nasceu e foi criado/educado de forma machista e também dominadora, via através dessa mudança sua “moral” sendo colocada como algo fraco diante da passagem do século.

“Pegou a faltar a chuva, secaram as nuvens no céu”, nesse verso o poeta descreve em sua escritura que a falta de chuva se dava pelo fato da mudança no papel, e no comportamento da mulher. A sociedade se via castigada por Deus, por estarem em rompimento com sua tradição e colocavam a culpa nas mulheres, já que esta estava em grande ascensão a esfera pública. Dessa forma, podemos perceber o quanto a sociedade viu-se impactada com tamanha mudança que estava sendo gerada e implantada no final do século XIX e começo do século XX.

“Com pouco mais ellas andam com cartucheira e facão; Parece ser tudo macho”, assim eram vistas as mulheres, eram vistas como homens. E o que eram essas cartucheiras? Era uma bolsa em forma de cinto, a mesma servia para levar cartuchos ou balas para recarregar uma arma de fogo potente, diante disto podemos aqui citar a figura de Maria Bonita, cangaceira brasileira, onde a partir do seu ingresso no cangaço deu espaço para que outras mulheres se inserissem também, assim conquistando seu espaço e impondo respeito. Foi uma grande revolução feminista. E a partir de então desenvolve-se uma reforma do vestuário feminino.

A quebra deste poder patriarcal também é mostrada fielmente na poesia *As cousas mudadas*, que provavelmente foi escrita no século XX, onde já marcava a emancipação da mulher na modernidade e no meio social. O poeta expressa as mudanças recorrentes de um novo tempo, apresentando aspectos fora do padrão.

Agora é que elles estão vendo

Que a cousa está em começo

Tanto que muitos já disseram

Está tudo pelo avesso

E inda está em principio

Ainda vai pelo um terço,

(...)

Os homens de hoje só querem

Mulher para trabalhar,

A mulher de casa é elle,

Faz tudo que ella ordenar,

Para ser arma de leite

Só falta dar de mamar.

(...)

Agóra analyse bem

Um homem assim como é:
A mulher vai para a fábrica,
Elle há de torrar café,
Faz fogo apromta o jantar
Dar papa e banho ao bebé.

(...)

Hoje vão para a igreja,
Quando acabam de casar,
Diz-lhe a noiva: você volte
Em casa tem que arrumar,
Eu daqui vou para a fábrica,
Tenho cigarros a fechar.

Contudo, nesse poema é expressado um inconformismo por partes dos homens, pelo fato da mulher ter aceito e se adaptado com rapidez a essas mudanças do “velho” para o “novo”, manifestando uma inversão de valores dos gêneros, mostrando cada vez mais sua autonomia e seu desejo de mudança.

Em meio a esse rompimento do padrão patriarcal e conservador, e as mudanças vindas junto com a modernidade, os conceitos e representatividades sobre o papel da mulher vinha se reinventando gradativamente, e é por essa perspectiva que Leandro Gomes de Barros aborda as novas práticas do feminino em seus folhetos.

Para que se defina a compreensão do que procuramos definir até aqui, é necessário entender que Leandro Gomes de Barros transcreve e descreve o modo orgulhoso da mulher, em tempos em que o “homem pode tudo” e a “mulher não pode nada”, ver a mulher desafiando não apenas o homem, mas também a cultura e costumes nordestinos da época era algo tido como inaceitável. E sua principal característica era exatamente essa, criticar, mas ao mesmo tempo provocar uma observação através da sociedade que passava a fazer questionamentos sobre o papel da mulher na convivência social e familiar, destacando também sua postura e conduta feminina. Partindo desse pressuposto, há uma busca de cotidiano e de humanização que aproxima essas personagens das mulheres de carne e osso. Aí está a grande relevância dos folhetos de Leandro, é simplesmente o fato de ter mostrado esse perfil feminino, focalizando um desejo de liberdade da mulher que era reprimido pela sociedade.

Assim sendo, o que pretendemos até aqui foi a compreensão de como é construída a imagem da mulher, que nesse caso são as mulheres do final do século XIX, e início do século XX, que, passa por um processo de transição de acordo com a mudança dos referidos séculos, e a partir de então vai aparecendo novos modelos dessas mulheres, quebrando o padrão, e adentrando cada vez mais no ambiente público, assim conquistando seu espaço no seu meio social. Procuramos apresentar a idealização com base nos escritos dos folhetos de cordel do poeta Leandro Gomes de Barros, que desde o primeiro cordel analisado nos aponta a forma como seu personagem principal será descrito desde os fins do século XIX, até a ascensão do século XX, ou seja, de 1907 à 1919. Melhor dizendo, sendo precisamente as apropriações que o poeta faz sobre a figura e papel da mulher, definidas principalmente pela escrita da história, que possibilitaram a análise feita neste terceiro capítulo deste trabalho monográfico, não tenho o propósito de desconstruí-las, porém de expor como estas são construídas a partir da historiografia brasileira e do município de Pombal – PB, com escritas que nos possibilitou traçar linhas interpretativas sobre a questão da mulher e do feminino.

De um modo geral, Leandro Gomes de Barros capta e traduz para o seu meio social a partir de seus folhetos de cordel o que ele via com seu olhar masculino na sociedade do século XIX e XX, os papéis da mulher sendo questionados diante de suas diversas características vista a partir de um contexto extremamente patriarcal. É por isso que procuramos demonstrar, neste capítulo, como a mulher na poesia de Leandro Gomes de Barros é representada de modo multifacetado, e que mesmo carregada de preconceitos e silêncio, buscam e possuem cada vez mais sua importância no meio social, colocadas como uma nova mulher a partir do século XX, lutam por um olhar não patriarcal, mais igualdade e bem comum.

Por fim, é importante entendermos e ressaltar que o cordel de Leandro Gomes de Barros, enquanto nosso recorte temático, nos possibilita a forma de pensar e ver como fora essas mulheres de uma virada de século significativa. Tendo forte e grande contribuição para a nossa história local, já que pouco se conta ou escreve sobre as mulheres, como dito anteriormente, aqui em Pombal – PB a figura masculina sempre foi a mais presente em toda a nossa história social e cultural. No entanto, escrever um trabalho que possibilite ver a figura e papel da mulher representado de uma outra forma é algo que engrandece. Assim, como também traz uma forte contribuição para a história da Paraíba, lugar de luta e resistência pelo feminino, a fim de buscar o seu lugar enquanto ser atuante de nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho abordamos e estendemos a nossa atenção para a história das mulheres enquanto estudo da história social, e suas representações que foram elaboradas na cultura histórica e historiográfica. Partimos em particular para as representações sobre as mulheres na escrita dos cordéis do poeta pombalense Leandro Gomes de Barros.

De modo, afirmo que não é tarefa fácil dá por encerrado esse estudo. Mas, neste espaço foi apontado o quanto a literatura cordelística é símbolo fortíssimo de nossa cultura nordestina, fazendo jus e retratando tudo aquilo que faz parte do cotidiano de uma determinada sociedade, e assim, escrevendo e narrando as mais variadas características da nossa cultura popular. Vimos através desse estudo que a mulher enquanto objeto principal desta pesquisa foi alvo de múltiplas representações, retratadas nos versos do cordelista Leandro Gomes de Barros. Porém, é importante destacar a nossa preocupação que se deu em identificar através dos cordéis quais as figuras e papel da mulher na sociedade da época e como foram pelo poeta retratadas. Em um primeiro momento trabalhamos e analisamos folhetos que remetiam ao século XIX a exemplo do cordel *História da Princesa Rosa* e, portanto, retratava a mulher submissa, silenciada e restrita ao ambiente privado. Já em um segundo momento trouxemos cordéis que descreviam a mulher do século XX a exemplo do cordel “*As cousas mudadas*”, com aspectos mais modernos, autônoma, e disposta a legitimar e conquistar seu espaço no meio social.

Quando nos propusemos a pensar o tema desse estudo monográfico algumas questões foram colocadas, tais como e principalmente o acesso aos cordéis. Mas, o contato com os cordéis se deu por meio da internet, onde os arquivos estavam disponibilizados, isso de certa forma facilitou, tendo em vista que seria difícil reunir todos os cordéis físicos e originais, já que a maioria se desgasta com o tempo. Contudo, tratamos o cordel como categoria pertencente a cultura popular e que com sua vasta produção, como a do poeta Leandro Gomes de Barros, com a temática que se refere a mulher sendo o foco deste estudo e como a partir

dos cordéis ela começou a ser representada. Por essa razão foi definido o interesse de estudar questões do feminino, para isso se fez necessário leituras minimamente da produção de estudos do feminino aqui lidos sob a perspectiva da ideia de gênero que desenvolveu em relação aos estudos feministas e estudos da mulher.

Destarte, as questões apontadas trazem e representam registros de uma memória, e marcas de determinado tempo. E, embora a mulher já tenha sido objeto de pesquisa por diversos estudiosos, ainda se apresenta como algo desafiador à criatividade e produção de conhecimento.

Esse estudo nos possibilita compreender não só sobre a questão da mulher e suas representações, mas também nos faz caracterizar o olhar do cordelista Leandro Gomes de Barros como um poeta bastante criticista, e que acabava trazendo para as suas poesias momentos de seu cotidiano e principalmente o que estava vivenciando no final do século XIX e início do século XX. Em seus cordéis o poeta expõe a mulher de diversas formas ora a mulher aparecia como fiel, submissa e apenas permitida a estar no ambiente privado, outrora a mulher aparecia como autônoma e quebrando os padrões de uma sociedade enraizada pelo patriarcalismo.

Ressaltamos que a nossa intenção não seja desconstruir ou construir uma imagem acerca da mulher, mas sim observar e compreender seu papel em meio a sociedade que conviviam, e suas lutas diárias pelas quais passavam para a conquista de seu espaço no tempo em que Leandro Gomes de Barros as registrou em seus cordéis. Portanto, a discussão aqui em torno nos faz perceber que, por muito tempo e até os dias de hoje, as mulheres são vítimas da opressão seja por estarem fora do padrão ou comportamento estabelecido não só pelo homem, mas pela sociedade em si, as tornando escravas de uma sociedade machista, desigual e repleta de princípios.

No entanto, as mulheres com toda sua resistência, lutaram e reivindicaram contra uma sociedade patriarcal extremamente forte. E ainda o fazem para que todos os dias alcancem seus direitos, espaços e igualdade no seu meio social.

Este trabalho possibilitou várias maneiras de vislumbrar a mulher, em um momento (século XIX) era vista como boa esposa, boa filha, dona de casa, santa e fiel, já em um outro momento (século XX) é vista como traiçoeira, mulher macho e mulher liberta do forte padrão que lhes era imposto, o que nos demonstra toda a trajetória da imagem e do papel da mulher no final do século XIX ao começo do século XX. Podemos perceber que ao longo da escolha, leitura e análise dos cordéis feitos no terceiro capítulo, que o poeta Leandro Gomes de Barros aborda diversas temáticas e características sobre a mulher, porém sempre sem perder seus

preceitos patriarcais. Dessa forma essa inferioridade posta nos remete totalmente a cultura nordestina que tem uma individualidade e olhar patriarcal bastante enraizados. Aqui então, uma questão se subsidia e nos mostra que, mesmo seguindo preceitos de uma sociedade machista Leandro Gomes de Barros no mostrou a tensão e conflito causado entre as mudanças dos referidos séculos, trazendo à tona todas as características e representações com relação ao papel e figura das mulheres as quais descreveu e escreveu em seus folhetos de cordel.

Essa pesquisa representou e me possibilitou amadurecimento e muito conhecimento, firmando aqui o meu desejo de que as representações acerca da mulher aqui traçadas, represente possibilidades e seja sempre motivo para novos estudos que possam auxiliar futuros trabalhos que envolvam esta perspectiva de trabalhos sobre cultura popular, sobre história local, sobre memória, história cultural e história das mulheres.

Meus agradecimentos pela leitura!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino - uma invenção do falo**: uma história do Gênero masculino. Nordeste 1920 – 1940. Maceió: Edições Catavento, 2013. 254 p.

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do Movimento Feminista no Brasil e o Protagonismo Social das mulheres. In: SEMINÁRIO CETROS, 6., 2013, Fortaleza. **Anais**. Fortaleza: UECE, 2013. p. 114 - 121.

BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. **As representações identitárias femininas no cordel**: do século XX ao XXI. 2010. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. 312 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 484 p.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. São Paulo, Brasiliense. Coleção Primeiros Passos. 1985. 178 p.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 216 p. Tradução: Sergio Goes de Paula.

CASCUDO, Câmara Luís da. **Vaqueiros e Cantadores**. Porto Alegre: Globo, 1939. 357 p.

CEBALLOS, Rodrigo. **Os maus costumes Nordestinos**: invenção e crise da identidade masculina no Recife (1910-1930). 2003. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 384 p.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 229 p.

CHAVES, Gislaíne da Mota. **Relações de Gênero fontes metodológicas e potencialidades de pesquisa em História**. 2017. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/cabedelonaweb/texto-45551960>. Acesso em: 05 jul. 2018.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. 285 p.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (orgs.) Escrever a História das Mulheres. In: THÉBAUD, Françoise. **História das Mulheres no Ocidente. O século XX**. Porto, Edições Afrontamento, 1995.

FALCI, Knox Miridan. **Mulheres do sertão nordestino**. In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FERNANDES, Cessa Lacerda. **Poema em homenagem a Pombal**. In.: GOMES, Eliezer. **Parabéns, Pombal querida! 147 anos de cidade**. 2009. Disponível em: <http://clemildobrunet.blogspot.com.br/2009/07/parabens-pombal-querida-147-anos-de.html>. Acesso em: 05 jul. 2018.

FERNANDES, Florestan. **O Folclore em questão**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 259 p.

INTERLEGIS. Câmara Municipal de Pombal. **História de Pombal**. 2019. Disponível em: <<https://pombal.pb.leg.br/institucional/historia>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

TEIXEIRA, Carla Costa. Mulheres, militância e memória. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p.146-149, out. 1998. FapUNIFESP (SciELO). <http://10.1590/s0104-93131998000200009>.

FERREIRA, Elizabeth Fernandes Xavier. **História e Memória**. 4. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. 256 p.

GALVÃO, Ana Maria. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 239 p.

KUMAR, Krishna. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1997. 302 p. Tradução Ruy Jungmann.

LE GOFF, Jacques et al. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. 302 p. Tradução Bernardo Leitão.

LEFEBVRE, Georges. **O nascimento da historiografia moderna**. Flammarion, Paris, 1971. 352 p.

LOPES, José Ribamar. **Literatura de Cordel**: Antologia. 3ª ed. Editora Banco do Nordeste. Fortaleza, 1994. 701 p.

MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). História da vida privada no Brasil (3). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MEDEIROS, Irani. **No reino da poesia sertaneja**: antologia Leandro Gomes de Barros. João Pessoa: Ideia, 2002. 488 p.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso**: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7letras, 2010. 199 p.

MENDES, Sandileuza Pereira da Silva. **A mulher na poesia de cordel de Leandro Gomes de Barros**. 2009. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

MONTEIRO, Eudézio Cardoso. **Pombal, minha terra querida, dedico a você cada conquista de minha vida**. Blog Rosário Pombal. 2009. Disponível em: <<http://rosariopombal.blogspot.com/>>. Acesso em: 18 set. 2019.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: leituras cruzadas. **OPIS**, Goiânia, v. 15, n. 2, p.316-329, 19 dez. 2015. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/o.v15i2.34189>.

OLIVEIRA, Maria. Félix. de. **A mulher na Literatura de Cordel**. Natal: Editora Universitária, UFRN, 1995 (org. Constância Lima Duarte).

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Paraíba**: heroica desde os primórdios. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 7, n. 1, p.38-53, jun. 2011. Semestral.

ORTIZ, Renato. **Românticos e Folcloristas**: Cultura popular. São Paulo, Brasiliense, 1985. 102 p.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Maneta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Vereta. (Org.). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro, RJ. Editora Fiocruz. 1ª Ed, 2000.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A Ideologia do Cordel**. Rio de Janeiro: Imagino Editora, MEC. 1976. 109.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 678 p.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditaduras e memórias**: não imagine que precise ser triste para ser militante. São Paulo: Intermeios, Fapesp, 2013. 326 p.

SILVA, Maria Hilda da. Silva, Maria Hilda da. “**Na trama do destino**”: Anayde Beiriz, uma história de gênero, memória e representação na Parahyba nas décadas de 1920-1930. 2017. 96f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2017.

SEIXAS, Wilson. **O velho arraial de Piranhas (Pombal)**: no centenário de sua elevação à cidade. 2ª ed. João Pessoa: A Imprensa, 1962. 307 p.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Edusp, 1992.

SÉRGIO, Paulo. **Contando Saudade: Margarida Pereira da Silva**. Blog Contando Saudade, 2015. Disponível em: < <http://contandosaudade.blogspot.com/2011/08/margarida-pereira-da-silva-18-de-julho.html> > Acesso em: 10 jul. 2019.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado**: história oral. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 385 p.

VIANNA, Arievaldo. **Leandro Gomes de Barros: vida e obra**. Fortaleza: Edições Fundação Sintaf. Mossoró – RN: Queima-Bucha, 2014. 176 p.

WANDERLEY, Helmara Gicelli Formiga. **O Discurso (Anti)Modernizante da Igreja Católica**: Pombal (1920-1939). 2013. Disponível em: < <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/09/9.-O-Discurso-AntiModernizanteDa-Igreja-Catolica-Pombal-1920-1939.htm> >. Acesso em: 15 ago. 2019,

FONTES SECUNDÁRIAS (FOLHETOS)

BARROS, Leandro Gomes de. *A mulher na rifa*. (s/d).

BARROS, Leandro Gomes de. *As cousas mudadas*. [S.I.]: Typ. Moderna, [19-]. 16 p.

BARROS, Leandro Gomes de. *As saias calções*. (1911).

BARROS, Leandro Gomes de. *História da Princesa Rosa*. (s/d).

BARROS, Leandro Gomes de. *Mulher em tempo de crise*. (s/d).

BARROS, Leandro Gomes de. *O sofrimento de Alzira*. (1919).

BARROS, Leandro Gomes de. *Os martírios de Genoveva*. (s/d).

BARROS, Leandro Gomes de. *O valor da mulher*. [S.I.: s.n., 19-]. 15 p.